

ILUSTRAÇÃO

N.º 326 — 14.º ano



O BARCO DESAPARECIDO

(Quadro de Sousa Pinto)

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 33\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

TEATRO

DE

JÚLIO DANTAS

OBRAS COMPLETAS

5 volumes encadernados em percalina

Esc. 100\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
 Director: ARTHUR BRANDÃO
 Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
 Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Venda em todas as Pharmacias

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO DR. ANTERO DE FIGUEIREDO

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a cores e ouro,
 de ALBERTO DE SOUSA, Esc. 12\$00; pelo correio,
 à cobrança, Esc. 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
 LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Está à venda, refundida, ampliada, actualizada,
 a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer
 pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores
 1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00, enc., Esc. 20\$00
 Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
 OS **REUMATISMOS**
 Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artítica e todas as dores para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
 Produits BÉJEAN - Paris

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a cores, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A SOCIAL

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.

CAPITAL ESC. 500.000\$00

SEDE

Rua Cândido dos Reis, 51 a 61 — PORTO — Telefone 42

Preferida pela organização da sua assistência para os

SEGUROS CONTRA DESASTRES NO TRABALHO

Postos de Socorros:

PORTO — Rua Cândido dos Reis, 51 a 61

GAIA — Rua Cândido dos Reis, 350

MATOZINHOS — Rua Roberto Ivens, 429

GUIMARÃIS — Rua da República, 74

PARA
PINTAR
AREDES

USE

MURALINE

UMA TINTA QUE SE

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
e dura anos

Depositários: **Mário Costa, & C.ª, L.ª**

Rua do Almada, 30, 1.º e 2.º — PORTO — Tel. 2571

À VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris

O infarto do miocardio

O síndrome de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 2.ª edição de a verdadeira história e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR JÚLIO DE SOUSA E COSTA

1 vol. de 208 págs., com uma artística capa a cores do pintor ROBERTO SANTOS, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COMO OBTER IDEIAS LUCIDAS E CLAREZA DE ESPIRITO?

por G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a distração, a falta de memória, o acabrunhamento, o desânimo, o medo, a irritação, a fadiga, o receio da loucura, e em geral todos os esmorecimentos do espírito e da alma, segundo as descobertas e métodos experimentados pelos doutores Haig, Contani e Lévy

1 volume de 154 páginas, brochado 6\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COM destino aos Açores, seguiram do Tejo quasi todas as unidades da divisão de instrução, a-fim-de efectuarem a segunda fase das manobras navais de verão.

Portugal, este pequeno País que tornou maior o Mundo, ainda é o mesmo marinheiro ousado que afrontou as cóleras traiçoeiras do Mar das Tormentas.

A jornalista Suzanne Chantal, evocando a grandeza da nossa Pátria, disse que «a antiga epopeia portuguesa continua com força criadora e moderna».

É assim mesmo. Ainda bem que nos

AS MANOBRAS

NAVAIS PORTUGUESAS

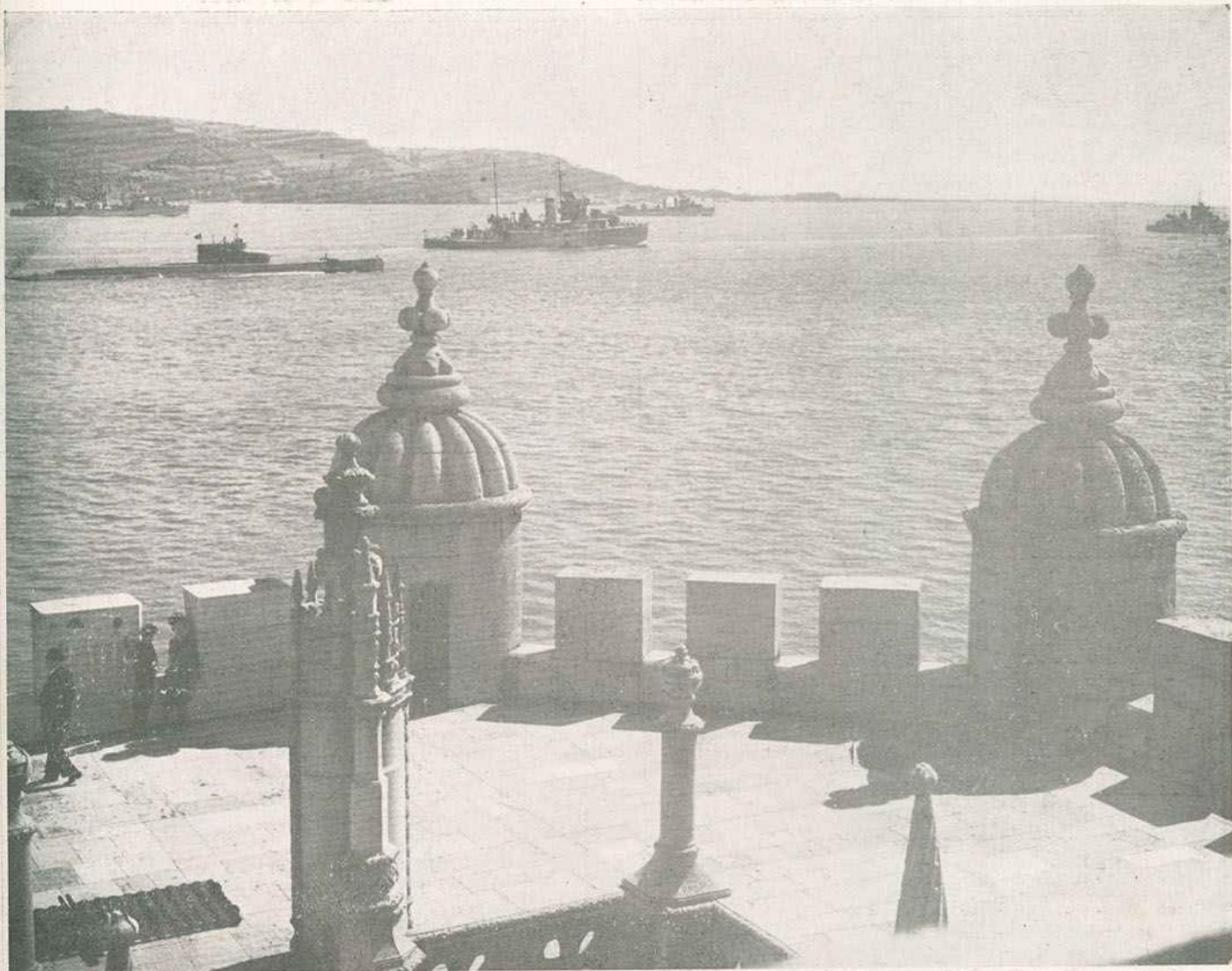
fazem justiça. Portugal, após os seus feitos homéricos, caíra na indolência que traz a opulência.

E, no dizer dum grande historiador, «tendo o crânio calvo coroado de louros

de mil batalhas e novecentas vitórias, limitou-se a contar aos netos os gloriosos feitos da sua mocidade».

Era pouco, com efeito. As nações não são como os homens: não devem envelhecer. Os seus filhos renovam-se em energia e fé patriótica.

Em boa verdade, é consolador ver svingar a nossa esquadra através do mar imenso que sempre nos obedeceu. E a Torre de Belem, mais que um baluarte, ergue-se como um símbolo que revive glorioso e nos enche do mais legítimo orgulho.



A esquadra passando em frente da Torre de Belém a caminho dos Açores

ALÉM FRONTEIRAS



Sacha Guitry por ocasião do seu quarto casamento acarinhando uma neta. Sua quarta esposa, Geneviève de Sereville quis que tôdas as crianças da aldeia assistissem à cerimónia



René Benjamin, membro da Academia Goncourt anunciando a eleição de Sacha Guitry para a Academia Goncourt. A eleição teve resultado definitivo ao terceiro escrutínio.



O Presidente da República Francesa nas festas nacionais do Vinho em Montpellier. A "rainha" da Borgonha empunha a bandeira dos vinhos



O Presidente da República Francesa com o Sultão de Marrocos e outras personalidades em destaque passeiam nos jardins do Eliseu



"Destroyers" italianos em frente da cidade internacional de Tanager que tem sido visitada por barcos de guerra de todas as nações



Um aspecto do Canal Alberto, na Bélgica, após a catástrofe que o destruiu, ficando inundados muitos hectares de terreno

A "LEGIÃO PORTUGUESA,"



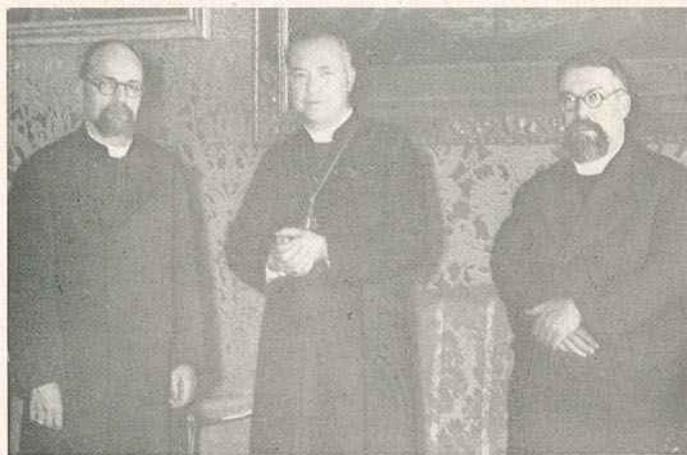
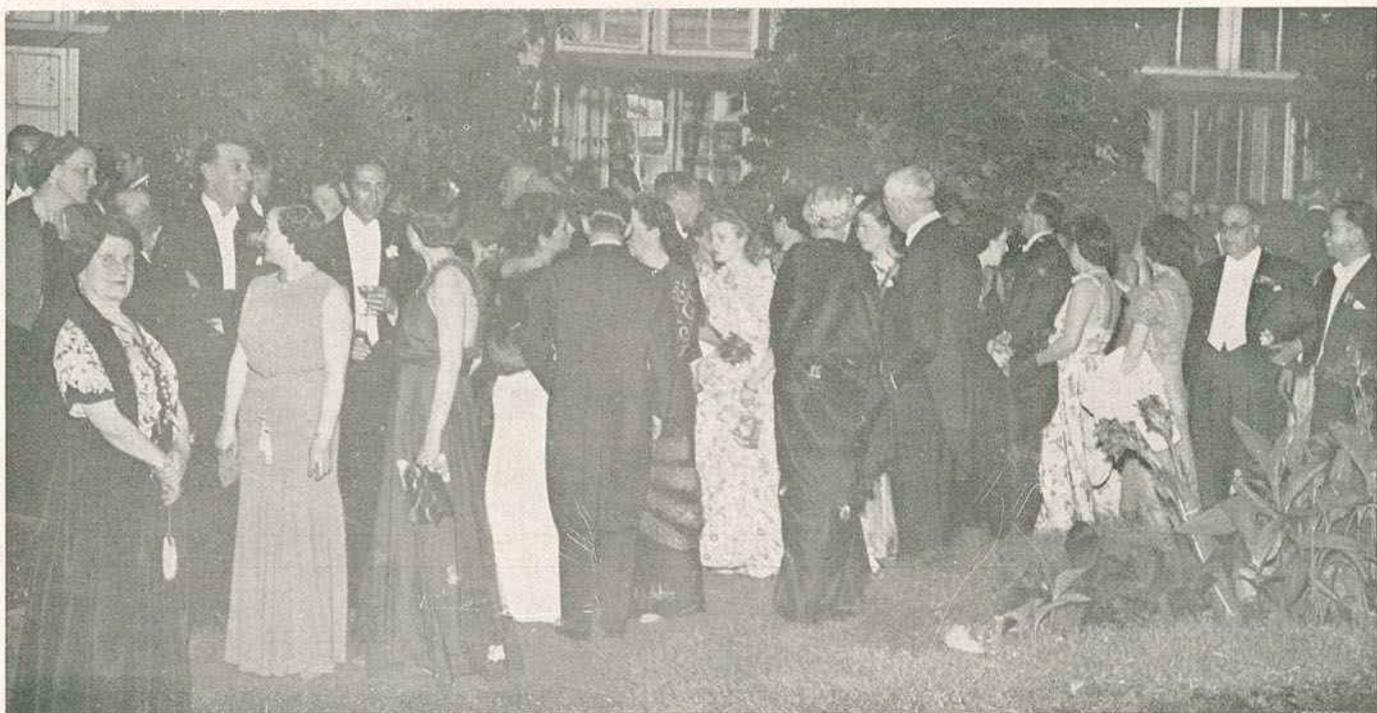
Alguns aspectos da ratificação do compromisso de honra feito por 700 novos legi-
nários perante o sr. Ministro do Interior. A cerimónia efectuada no vasto campo de
jogos das Amoreiras, revestiu grande imponência e solenidade



ACTUALIDADES DA QUINZENA



Dois interessantes aspectos do «Baile das Flores» realizado na Legação de França com a assistência de centenas de convidados, entre os quais membros do Govêrno e do Corpo Diplomático, almirantes e generais, alto funcionalismo, etc. Os jardins encontravam-se lindamente iluminados com as côres da bandeira francesa. *Em baixo:* O sr. Cardinal Patriarca com o sr. bispo de Macau chegado recentemente da China. O ilustre prelado descreveu horrores da guerra na China. — *A' direita:* Um grupo de meninas que tomou parte na festa do «Dia da Assistência», no Porto



Triste sintoma e doce consolação

A execução desse desgraçado Weidmann — eu chamo desgraçados a todos os criminosos, porque são espíritos enfermos uns, vítimas duma hora má, outros e, portanto, dignos de lástima — a morte pública desse infeliz veio trazer-nos o triste sintoma de que a alma humana continua a guardar lá no fundo aquela camada de maldade, que nem a civilização nem o progresso dos povos consegue eliminar.

Mas também vivo deu a certeza que nos consola de que há ainda almas de mulher capazes de grandes provas de bondade e de amor, dessa bondade e desse amor que não se ofuscam com a decadência do homem amado.

Quem leu os jornais de Paris, quem os leu com a sua sensibilidade, ficou decerto desgostoso com a crueldade do espectáculo da morte desse condenado.

Não pelo que respeita à parte que a lei rege. Embora sejamos contra a pena capital, devemos aceitar a lei que a decretou, visto que os artigos do código são feitos para se cumprirem.

Portanto, não podia ofuscar-nos a execução propriamente dita, que foi segundo as leis do país, mas sim a turba que em volta se juntou, trepidante de entusiasmo, encharcando o olhar no sangue daquela pobre cabeça decepada, essa cabeça que era o encanto de sua mãe, quando a aconchegava ao seu seio para lhe dar o elixir da vida. Parece impossível que outras mães — porque havia lá muitas mulheres — não tivessem o pudor de arredar a vista de tal quadro, que era a tortura de uma mulher, que como elas, pensam dos filhos, nunca pensou também que o seu chegasse a tão triste situação.

A desgraça não escolhe, é mais cega do que o amor, e entra como êle, na choupana e no palácio, sem querer saber das feridas que abre e das lágrimas que faz correr com os seus feitos.

Sabe-se lá para que estamos guardados? Os mais honestos podem ser ladrões um dia, os mais calmos podem matar num acto de desespero, e há tanto espírito fraco que não resiste a uma sugestão má, a um mau exemplo!

E para que afrontar ainda com o escárnio da curiosidade impiedosa, um

desgraçado que vai morrer, que já deu contas à sociedade, pagando assim o seu crime?

Não lhe basta acaso a lembrança da vida que passou, das carícias de sua mãe, então mergulhada na mais profunda dôr, dos beijos sinceros da mulher que



o amava e que o pobre desvairado esqueceu chafurdando na lama, não é bastante pungente o remorso que o acompanha nesse calvário, caminho curto que a êle parece ter léguas, para o fim de tudo, ainda é preciso que sôfra o insulto de se dar em espectáculo na sua agonia?

Se a morte é de respeitar, se ela redime de tôdas as culpas, porque não se há-de fazer silêncio, em face do último estremeção da alma que se desprende do involucro terreno dum criminoso, já decerto limpa de tôdas as manchas, pelo arrependimento dos seus crimes?

Quando passa um entêrro, todos os homens se descobrem, sem saberem se ali vai algum santo ou algum demónio.

Um que sabemos que pecou, porque

o sabemos, não merece menos o nosso respeito, e merece mais ainda a nossa piedade, pela triste sina que trouxe ao nascer.

Felizmente parece que tal não se repetirá. O governo francês, onde há homens de coração e bom senso, resolveu acabar com êsse espectáculo desmoralizador e deixar que os malfadados para a desgraça, morram em paz. Nunca é tarde para emendar um êrro. E há costumes e tradições que é honroso cortar e esquecer.

Tôdas as medalhas têm um reverso, e êste medalhão de tristezas gravado, tem também o seu lado diferente.

Uma mulher, uma namorada, na sua terra distante, não se esqueceu dêle, do pobre transviado, e comprou num cemitério de Paris a cova para receber os restos daquele que amou.

Quantas vezes os seus olhos se inflamaram pelo pranto chorado, quantas vezes os seus joelhos se arrastariam na nave duma igreja, a pedir a Deus a vida do seu amado!

Que de noites perdidas, evocando tempos que já lá vão, em que êle ainda era um homem normal, honesto e bom, enlevando-a na sublime mentira do amor!

Abençoada seja esta mulher que elevou tão alto o seu sexo, que deita por terra tôdas as calúnias que tentam apoucar a alma feminina.

La donna è mobile, da canção, é uma vingança dum despeitado.

Quando lhe chegam ao coração, a mulher é capaz de dar mostras mais deslumbrantes de amor constante e leal.

Até, como agora, para além da vida.

E há quem ponha de propósito o pé em cima dum bichinho que encontra na rua, e que com êsse acto rejubile.

Sem se lembrar de que o seu pé representa, para a sua vítima, o que é para nós um automóvel ou qualquer outra máquina que nos esmagasse.

Como é possível que existam, neste século adiantado em civilização, criaturas que gozem com a vista da tortura de outros seres, seja qual for a sua classificação zoológica?

Felizmente, para honra da espécie, há, de um modo geral, quem se anteponha a estes gestos ferozes, não matando senão como prática higiênica alguns animais, e nunca pelo prazer de tirar vidas.

MERCEDES BLASCO.



As tripulações da marinha mercante de qualquer nacionalidade, que navegaram durante os anos de 1914 a 1918, sob a ameaça constante de irem contra uma mina ou de se verem atacados por um torpêdo e que conhecem o perigo eminente com que se ha-de navegar durante uma guerra futura, mais mortífera do que qualquer outra, encaram com pavor a repetição dos dramas por que êles próprios passaram.

Em tempos normais a viagem por mar é cheia de riscos e perigos, que a guerra aumenta desproporcionalmente. O trabalho é árduo, as horas são longas e a remuneração é escassa e constante a luta contra os elementos da natureza.

É assim o ofício em tempos normais, mas a expectativa de nos vermos a cada momento e repentinamente atacados por

minas ou submarinos produz não só o esgotamento dos nervos, como funda depressão moral, que só aqueles que tiveram a experiência da Grande Guerra, podem avaliar com justeza. Para os que trabalhavam nas máquinas ou transportavam combustível a suspensão nervosa era ainda mais intensa. Era abaixo da linha de água e a meio barco, que o torpêdo atingia o seu alvo, próximo de maquinistas e fogueiros. Mas era mais dilacerante para os nervos esperar a cada momento ser atacado por um daqueles terríveis instrumentos de destruição do que o próprio choque.

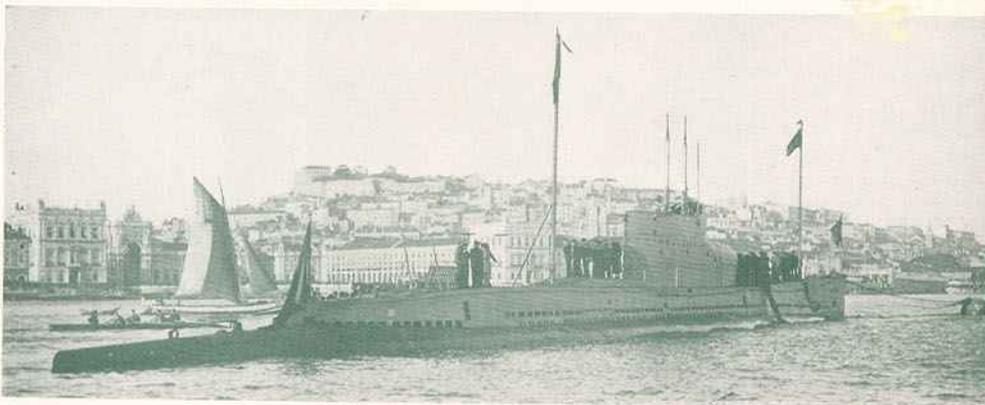
Os mais fortes de corpo e de espirito eram por fim apenas um monte de nervos exgotados pela tensão. Caía na casa das máquinas, por exemplo, um objecto com rumor e inesperadamente e imaginavam fogueiros e maquinistas que o ataque era chegado...

O autor donde extraimos estas notas foi um dos que teve a boa sorte de viajar em barcos mercantes enquanto durou a guerra e de escapar sem uma beliscadura, apesar de ter sido torpedeado duas vezes, perseguido várias outras e de ter visto out-ros barcos explodirem e afundarem-se com a sua tripulação, rapidamente.

«De uma vez — diz-nos êle — atravessávamos o Atlantico, e alguns de nós estávamos encostados á grade do barco a contemplar um barco que navegava a pequena distância.

«Repentinamente, sem que nada nos fizesse pressentir qualquer incidente, ouviu-se um estampido aterrador e vimos o barco desfazer-se em duas metades e afundar-se rapidamente. Afastamo-nos daquelas paragens a todo o vapor.

«De um outro incidente me recordo que teve lugar perto da Baía da Biscaia. O nosso capitão e a maior parte da tripulação olhavam atentamente para um porto negro no horizonte. Ao aproximarmo-nos do local, verificámos que se tratava de um barco salva-vidas cheio de gente. O capitão ordenou que toda a tripulação estivesse bem atenta a que não surgisse algum submarino e o próprio salva-vidas, que se apresentava em perigo, também era objecto d'avidos.



NA VASTIDÃO DO OCEANO

As surpresas da guerra submarina

O relato curioso de um sobrevivente

«Ao aproximarmo nos dêste, certificamo-nos que se tratava efectivamente de um salva-vidas cheio de naufragos.

«O capitão não sabia se decidisse por mandar abaixar um dos nossos escaleres ou mandar içar o barco completo dos naufragos por meio dos nossos guindastes; decidiu-se por êste último processo.

«Os desgraçados estavam num tal estado de esgotamento que foram necessários grandes esforços para prenderem as nossas correntes aos extremos do salva-vidas.

«Içamo-los para bordo e afastamo-nos com toda a velocidade a fim de evitar novo perigo.

«Eram nove os naufragos e todos num desgraçado estado; um fogueiro jazia morto no fundo do barco e foi lançado ao mar. Os músculos dos sobreviventes estavam tão inchados, que tivemos de cortar á tesoura botas e fatos; era inverno e havia cinco dias que boiavam á superfície das águas.

«Pertenciam á tripulação de um vapor carvoeiro; tinham sido torpedeados ao desportar da manhã e no espaço de cinco minutos o vapor tinha ido ao fundo. Uma parte da tripulação tinha conseguido salvar-se em dois salva-vidas. Durante dois dias não se tinham perdido de vista, mas o mar encapelado acabára por os separar para não mais se avissem.

«Durante toda a tarde, a nossa tripulação procurou atentamente descortinar o outro salva-vidas e efectivamente ao fim de cinco horas de pesquisas conseguimos avistá-lo.

«Trazia sete naufragos, tão exaustos e deprimidos como os primeiros; três dos seus camaradas tinham morrido e

tinham sido lançados ao mar. Recolhemos a bordo mais êstes desgraçados e demos-lhe a assistência que em tal conjuntura nos foi possível dispensar-lhes.

«A bordo não tínhamos médico nem grande fornecimento de medicamentos. Felizmente a nossa viagem continuou com vento favorável e como não nos encontrávamos muito longe de Lisboa, o capitão decidiu tocar naquele porto onde efectivamente largamos os naufragos, que ficaram ao cuidado de um dos hospitais da cidade.

«A primeira vez que o barco em que viajava foi torpedado, encontrávamo-nos nas alturas do norte de Africa.

«Vinhámos de Bombaim com destino á Inglaterra carregados de amendoim.

«O Mediterrâneo estava tão tranqüillo que as suas águas eram como um espelho em que se reflectia o azul puro do firmamento, e as costas de Africa estavam próximas de nós.

«Tínhamos terminado a refeição da tarde e dirigia-me para o meu beliche; de repente ouviu-se uma explosão abafada e tivemos a sensação como se o barco tivesse batido contra rochedos.

«Agarrámos apressadamente em algumas peças de vestuário e corremos todos para o convés.

«O capitão já se encontrava na ponte e dava ordem para que se arreassem os escaleres salva-vidas.

«O nosso aparelho de telegrafia sem fios já tinha expedido em todos os sentidos mensagens pedindo socorros e felizmente toda a tripulação conseguiu salvar-se nos escaleres. Uma hora mais tarde eramos recolhidos por um barco francês que fazia a patrulha do Mediterrâneo.

«A primeira vez que o nosso barco havia em canhão de guerra, nunca tivemos ocasião de fazer uso.

«Fui torpedeado pela segunda vez no Canal da Mancha; viajavamos de Hull com destino a Nova-York, com lastro por carga. Vinhamos do Mar do Norte e ao chegar a Dover, ancoramos para receber ordens; dois dias mais tarde continuamos a nossa viagem pelo Canal da Mancha.

«A começar o meu quarto de serviço; dava meio dia, quando sentimos uma explosão medonha e pareceu-me como se o fundo do barco se tivesse desprendido e se tivesse afundado. Corremos todos para o convés, onde os marinheiros já haviam começado a arrear os salva-vidas.

«Era inverno, o frio era intenso e o mar agitado.

«Corri para os camarotes, onde tinha o meu beliche, em busca de um sobre-



tudo com que me defender do frio atroz e já não encontrei senão destroços; o torpêdo devia ter acertado ao lado do leme. No convés viam-se os destroços de camisas, roupas e vários homens caídos por terra.

«Tratamos immediatamente de transportar os feridos para os escaleres. Dois homens da tripulação estavam mortos e nove feridos. O resto pôde salvar-se nos salva-vidas, e durante duas horas lutamos contra o mar encapelado e o frio, até que por fim fomos recolhidos por um barco costeiro, que nos acolheu a bordo e nos confortou com gim e café quente e nos desembarcou em Dortmund.

«De cada vez que eramos torpedeados perdíamos os nossos pequenos haveres.

«Ao rebentar a guerra, cada homem recebia um subsídio de cinco libras para roupa e fato; o subsídio mais tarde foi elevado a sete libras e dez shillings, mas em nenhum dos casos chega a soma que nos fornecermos do necessário.

«O pior caso que me aconteceu foi ser perseguido por um submarino, viajando eu então em um barco petroleiro.

«A minha missão nesse barco consistia em lubrificar as máquinas.

«Viajavamos em direcção á Inglaterra e vinhamos do Golfo do México, carregados de benzina.

«Se fossemos atacados por um torpêdo era a explosão certa sem probabilidades de salvamento.

«Mais uma vez nos encontrávamos no Canal da Mancha. Estava de vigia e acabava de lubrificar as máquinas. Tinha-me retirado para um canto para ver se conseguia fumar um cigarro, quando ouvi a campainha do telégrafo, que me chamava para a casa da máquina. Desci á pressa; o engenheiro gritava com voz alterada: «Há um submarino á vista; é preciso fugir a toda a velocidade; encham a máquina de óleo, mas depressa».

«Todos nós pensávamos de que lado é que seríamos atacados... Será a meio barco?... á prôa?... á ré?...

«Pouca importância teria o ponto por onde fossemos atacados porque na rea-

lidade, se o submarino nos atingisse, íamos todos nós e o barco pelos ares em poucos segundos.

«Fomos perseguidos durante meia hora. O barco caminhava aos zigue-zagues, que era a melhor manobra para fugir da pontaria e a meio de uma destas voltas, ouvimos um barulho surdo. O barco quasi que virou sobre si e a ré saiu completamente para fora da água; a helice trabalhava no ar; todos nós caímos por terra e não caímos ao mar porque todos puderam agarrar-se a qualquer objecto seguro e o navio não tornou a equilibrar-se, senão quando a helice de novo se achou coberta de água.

«Todos estávamos convencidos de que tínhamos sido atingidos e corremos apressadamente para a máquina.

«De repente um da tripulação, que tinha subido á ponte, gritava: «Não há movimentação!» e dali a momentos explicava-nos o que tinha sucedido.

«O submarino tinha disparado dois torpêdos contra nós mas nenhum tinha acertado.

«Um dos torpêdos tinha passado á nossa frente e tinha falhado a nossa prôa apenas por alguns metros. O nosso aparelho de telegrafia sem fios, está claro, tinha expedido telegramas para todos os lados, como é costume fazer-se em casos idénticos, e daí a pouco vinha um *destroyer* em nosso auxilio.

«O segundo torpêdo tinha rebentado a alguma distância da nossa ré; o *destroyer* tinha presenciado toda a manobra e com toda a velocidade corréra em nosso auxilio.

«Do seu bordo partiu uma carga formidável em profundidade que, com certeza, liqüidou o submarino mas tão perto de nós que quasi nos ia também atirando pelos ares.

«Na manhã seguinte entrávamos nas docas de Londres e na nossa segunda viagem, a bordo do mesmo barco e já a meio do Oceano Atlantico, recebemos a noticia, pelo telégrafo sem fios, de que se tinha assinado o armistício».

ADOLFO BENARDI.



NOTÍCIAS DA QUINZENA

No 7.º aniversário da posse do sr. Presidente do Conselho realizou-se no Parque Eduardo VII uma festa, tendo sido oferecidos a quatro mil crianças vestuário, calçado e merenda. A gravura, à esquerda mostra um trecho da encantadora assistência. *Ao centro:* Os internados na Albergaria de Lisboa desfilando perante os membros da Junta de Província de Estremadura, que os foram visitar. *A' direita:* O major-general da Armada presidindo à inauguração da «Sala do Marinheiro» na Escola de Mecânicos da Armada. *Em baixo:* Alunas do Instituto de Odivelas na festa do encerramento do ano escolar



ECOS

DA

QUINZENA

Falangistas de Espanha que visitaram Lisboa, tendo chegado a bordo do «Ciidade de Alicante». — *Ao centro:* «Os Flechas Navales» no Parque Eduardo VII. — *Em baixo, à esquerda:* O sr. Ministro da Marinha recebendo o almirante Riccardi da Esquadra Italiana. — *A' direita:* O sr. Ministro da Marinha, o sr. Ministro da Itália e outros convidados na legação deste país, onde foi oferecido um banquete em honra das Armadas portuguesa e italiana



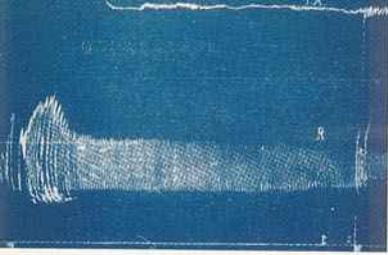


Gráfico obtido pelo prof. Weiss provando pela pulsação do coração e da respiração que a morte não foi instantânea

A pena de morte patenteia aspectos reveladores do temperamento dos povos.

Na Inglaterra usa-se o enforcamento com queda discreta e brutal, sendo o condenado coberto com um véu negro; na França utiliza-se a guilhotina engendrada pela Revolução; na Alemanha está em moda o machado medieval; na Rússia abatem o condenado com um tiro de revólver na nuca, e no Oriente fuzilam-nos, estrangulam-nos ou degolam-nos, ou, na melhor das hipóteses, enforcam-nos rentes à terra.

Em todos os pontos do Universo, o legislador mostrou sempre preocupar-se em dar à pena de morte um triplice carácter de prontidão, certeza e de «limpeza» material e moral.

Cumpra, no entanto, salientar que, em caso algum, um ser humano, nem que seja o mais execrável mafeiteiro, deve ser utilizado como uma cobaia para experiências científicas ou submetido a um suplício técnico que a ciência actual não está ainda à altura de garantir duma maneira absoluta que é humano, isto é, instantâneo e sem sofrimento algum.

A propósito das execuções efectuadas na cadeira eléctrica, tem sido levantada grande celeuma, havendo quem defenda e quem ataque este sistema de matar criminosos.

Ora, para que se possa avaliar imparcialmente, ouviremos os partidários e os inimigos da sinistra cadeira.

Enquanto os primeiros se apoiam no ponto de vista dos especialistas de Alé-Atlântico e na técnica das prisões ame-

ricanas, os segundos fazem valer os seus argumentos tirados da fisiologia e da experiência.

No interior da enorme prisão de Sing-Sing, na América do Norte, encontra-se a Casa da Morte, sinistro cárcere dentro de outro cárcere, que possui cozinhas, enfermaria, pátio de recreio e parlatório, e pode oferecer lugar a vinte e quatro homens e a três mulheres.

Esta prisão tem o nome oficial de Células dos condenados, mas os prisioneiros designam-na por *Matadouro*.

O condenado à morte é submetido a reclusão solitária, tendo apenas quinze minutos por dia para falar com alguém. Ordinariamente decorre cêrca de um ano antes da execução que se realiza sempre numa quinta-feira, alguns minutos depois das onze horas.

Assim, cinquenta e duas vezes, o condenado, no pavor da sua célula, vê aproximar uma semana que será talvez a fatal. O seu pre-suplício moral é tão terrível que se torna necessária uma vigilância rigorosa para evitar qualquer tentativa de suicídio.

Antes desta sala encontram-se seis células, chamadas *quartos de pre-execução* que os delictos designam irónicamente por *Sala de Baile*. Um corredor liga a *Sala de Baile à Sala da Execução* e ao *Necrotério*, imediatamente contíguo, onde os cadáveres ainda quentes são autopsiados.

Descrevemos o cenário; agora o drama:

No começo da semana fatal, o director da prisão faz a escôlha, conforme a lei, das onze testemunhas civis que devem assistir à execução, bem como de três oficiais de justiça, dois médicos, um eclesiástico, sete guardas, o director e o carrasco.

Nestas ocasiões chegam sempre ao gabinete da direcção milhares de cartas solicitando a escôlha para testemunhas. Algumas chegam a pedir o privilégio, para o seu sinatário, de desempenhar as funções de carrasco... Calcule-se que chegam a pedir que lhes seja concedido substituir a vítima!

Abre-se a porta. O condenado entra

OS HORRORES DE MORTE

Se nem a cadeira eléctrica isenta de fazer sofrer!

Algumas irrefutáveis opiniões dos mais irrefutáveis ainda

escollado pelos guardas. Apresenta-se decente. Pelo menos, não se ostenta a ignóbil cena duma execução francesa em que o condenado aparece em mangas de camisa, pescoço nu, mãos ligadas atrás das costas, caminhando para o matadouro como um boi.

O condenado norte-americano avança. Vem a propósito dizer que não lhe é facultado nenhum calmante nem estimulante. Dirige-se para a cadeira sinistra — uma pesada cadeira de madeira guardada de largas portas — e senta-se tranquilamente.

Acto contínuo, os guardas ligam-lhe os braços, as pernas e o tórso por meio das correias, enquanto o carrasco aplica um electrode de contacto húmido à barra da perna esquerda do condenado, e outro à região occipital previamente rapada à escovinha, forçando assim a corrente a atravessar a região do coração.

Seguidamente, dá-se o gesto trágico. Encerrado numa espécie de alcova, sem testemunhas, só com Deus e a sua consciência, o carrasco dá volta ao comutador.

O corpo do condenado inclina-se para a frente como se tentasse escapar às correias que o seguram, no meio dum ruído contínuo de faíscas, e, por vezes, por entre um pouco de fumo que sai do casco que mantém o electrode craniano. As mãos tornam-se-lhe vermelhas, ficando em seguida brancas de neve. Os músculos do pescoço distendem-se... Dois minutos — um século! — decorrem nesta operação. Depois, cortada a corrente, o corpo recal em lassidão.

Decorreram cinco minutos depois dos primeiros passos do condenado no corredor da morte.

Setenta quilos de albumina, que foram um homem, vão ser entregues ao bisturi da autópsia.

Os americanos utilizam para a electrocução correntes e tensões variáveis. As tensões de 500, de 4.000 e de 2.400 volts, de corrente alternativa, particularmente mortíferas, são empregadas desde há muito tempo.

Em Sing-Sing, emprega-se actualmente uma tensão de 2.000 a 2.200 volts que se traduz, quando os electrodes são aplicados convenientemente, por uma corrente duma intensidade de 7 a 12 ampères através do corpo do condenado.

Esta voltagem, e portanto a amperagem, é diminuída, depois aumentada, por intervalos durante a aplicação da corrente. O valor médio da corrente não vai além de 5 ampères «a fim de evitar a combustão do corpo do condenado».

Devemos ter em conta que as baixas frequências industriais, empregadas pela

corrente alternativa são particularmente perigosas, como eloquentemente o demonstrou M. d'Arsonval. Neste ponto a escôlha é acertada para a realização duma obra de morte.

Os técnicos electricistas afirmam que a temperatura, com pontos de entrada e de saída da corrente, atinge a temperatura da fusão de cobre, em que a do corpo se eleva a 140° e o cérebro chega quasi à ebulição.

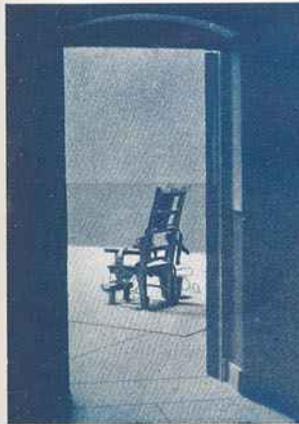
Os fisiologistas americanos, por seu lado, declaram — «as aqui é precisamente o ponto litigioso — que a vítima perde o conhecimento em 1/250 de segundo, «velocidade superior à da sensação da dor».

Segundo os electrocardiogramas e os encefalogramas colhidos pelos representantes do Colégio dos Físicos e Cirurgiões da Universidade de Colúmbia, no curso de diversas execuções, a corrente de 1 ampère age sobre o cérebro em 1/250 de segundo, isto é, 70 vezes mais rápido que o sistema nervoso, não havendo, portanto, dor.

É esta a tese dos partidários da electrocução judiciária.

Devemos, no entanto, tomar êsses encefalogramas e outros diagramas obtidos por meio do oscilógrafo catódico, como provas muito débeis. Um diagrama prova tudo o que se quer, e aquêles que observamos podem demonstrar também um horrível suplício.

Em Louisville, Kentucky, um negro condenado à morte fora ligado à cadeira eléctrica e submetido aos dois choques de corrente indicados pela lei. Quando



A Cadeira Eléctrica

o médico examinava o corpo, apercebeu-se com espanto de que o homem ainda vivia!... No momento do segundo choque, a corrente havia sido interrompida.

Foi necessário chamar os electricistas, reparar os aparelhos, e só no fim duma longa meia hora é que conseguiram dar cabo do pobre negro já meio carbonizado.

Sofre ou não sofre?

Uma única testemunha seria decisiva: o próprio electrocutado, se depois de morto pudesse falar.

Existem, no entanto, centenas de vítimas que escaparam de acidentes de electrocução, e sob tensões que variaram de 110 volts a cêrca de 100.000.

Estes *feridos de electricidade*: queimados, asfixiados, tetanizados, têm sido objecto de estudos minuciosos e metódicos por parte de médicos ilustres como Jellinek, de Viena, e de Simonin, de Estrasburgo. Estes sábios estudaram a electrocução em vários animais, especialmente os cães, registando-lhes meticolosamente o coração e a respiração, e chegaram à conclusão de que os sintomas da morte por asfixia lenta são duma eloquência irrefutável.

Podemos citar casos de morte não instantânea devida a uma corrente de 110 a 220 volts.

Segundo as observações do dr. Simonin, «um operário metalúrgico, chamado Adrien C..., de Bègles, na Gironda, trabalhava com uma broca eléctrica de 220 volts, quando os seus camaradas o ouviram gritar:

«Acudam-me!... Cortem a corrente!»

Quando chegaram junto dêle, o operário estava morto».

O mesmo sábio cita ainda: «Uma joven de vinte anos, quando pegava num candeeiro portátil eléctrico, gritou: «Estou electrocutada!» e caiu morta. Era de constituição límfatica marcada».

Segundo o professor Leclercq, «um operário de 26 anos, tendo os pés sobre um pavimento de ferro, pegou com as duas mãos numa lâmpada de 220 volts. Soltou um grande grito, contorceu-se, perdeu os sentidos e morreu».

Reparemos que a alta-tensão nem sempre mata.

Contrariamente à opinião comum, eis o que se verificou:

«Um electricista de 19 anos foi encontrado sem sentidos, tendo o corpo a formar derivação entre um condutor de 3.000 volts e o solo. Ferido nas pernas e um buraco de 7x8 cms. no crânio por onde saía o cérebro. Este operário, curou-se, após alguns meses de perturbações nervosas.»

Este exemplo citado por Faber é confirmado por Simonin, Jellinek, Caillavet com a citação de casos análogos.

«Um montador electricista — diz Jellinek — foi atravessado por uma corrente de 5.000 volts que lhe entrava pelas mãos e lhe saía pelos pés. A intensidade fora suficiente para fundir o cabo metálico! Pois o operário sobreviveu».

Portanto, mais uma vez se pergunta:



Quatro homens comprimeam separadamente e ao mesmo tempo o botão eléctrico, ignorando-se, por fim, qual d'elles teria sido o instrumento da justiça

¿a sensibilidade, a consciência da vítima são aniquiladas instantaneamente pela corrente eléctrica, ou a vítima morre em plena consciência?

No que diz respeito a baixas tensões (primeira forma do suplício americano) a resposta é fácil: as vítimas gritam, debatem-se, gritam por socorro, e só morrem após um tempo mais ou menos longo.

Eis o que conta um electricista que se escapou durante morte horrível:

«Encontrava-me a fazer uma instalação eléctrica num altar de igreja, quando cometi a imprudência de pegar em dois castiçais metálicos já ligados a uma corrente de 221 volts. Pareceu-me que a abobada desabava sobre mim. As minhas mãos, crispadas nos castiçais, não os podiam largar. O coração e a respiração

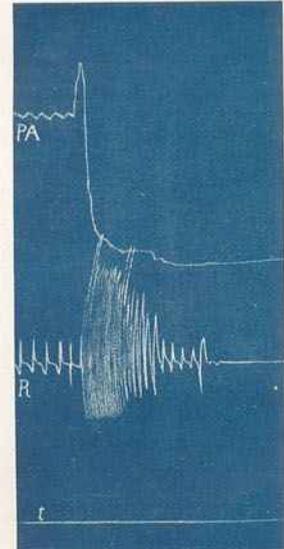


Gráfico obtido pelo prof. Weiss, demonstrando os efeitos mortais duma corrente alternativa atravessando a organismo dum cão



Algumas experiências com várias correntes na cadeira eléctrica, provando-se que o suplício sofre durante alguns minutos, podendo até ficar carbonizado e ainda com restos de vida. Verifica-se, portanto, que todos os aperfeiçoamentos obtidos até hoje pouco ou nada adiantaram



Estátua da Liberdade em Nova York

pareciam-me esmagados. Não podia chamar e sentia a morte aproximar-se no meio de dores horríveis. Por fim, tive a ideia de pôr em contacto os dois castiçais, formando curto circuito. Fez-se um relâmpago e eu caí liberto sobre o solo».

Os drs. Broca e Simonin observaram casos de electrocução por alta tensão (segundo forma do suplício americano) em que a vítima não perde o conhecimento.

Simonin chega a salientar que «as correntes de alta tensão são frequentemente sem acção durável sobre a respiração e o coração; podendo impunemente atravessar o corpo humano, à parte as queimaduras nos pontos de contacto».

— Eis porque — diz Arsonval — os médicos americanos se apressam a abrir o ventre do condenado!

Leduc resume excelentemente a questão numa comunicação à Sociedade de Biologia: «Há casos de paralisia completa do centro da linguagem e da motilidade, mas a paralisia é apenas parcial no que diz respeito ao pensamento e à sensibilidade».

Isto quer dizer que o paciente é paralizado sem ser insensibilizado, como sucede com o famoso *curare* de que os índios se servem para ertar as suas flechas, e que provoca uma morte espantosa sem que a vítima possa mexer-se nem soltar um grito!

A electricidade não mata pura e simplesmente como o raio. A electrocução é uma morte progressiva que se patenteia pela paragem do coração e da respiração. É uma asfixia, uma «afogação eléctrica», acompanhada de contrações tetânicas. Eis porque os primeiros cuidados a prestar aos electrocutados, con-

forme as circulares oficiais e os cartazes afixados nos postes de transformação são identicamente os mesmos a prestar aos afogados.

O professor Weiss conseguiu obter um gráfico durante a electrocução dum cão com a aplicação dum corrente de 100 volts com electrodos molhados. A intensidade era de 0,068 ampères. A linha de baixo, marcado por *t*, mostra o instante preciso da aplicação da corrente. Neste momento, a ondulação regular da pressão arterial (P A) tem um brusco acrescimento devido a uma violenta contracção do coração, dando-se depois uma queda completa, atestando que o coração parou. Mas se o coração não bate, a respiração acelera-se. A respiração tímida mas regular, registada à direita, sucedem aspirações amplas e precipitadas, decuplicadas, que decrescem e param após um suprêmo esforço. Na autópsia verificou-se que o coração não estava morto: tremia sem bater... É difícil de imaginar um mais horrível suplício.

Noutro diagrama, igualmente devido a Weiss, é também interessante pela revelação que apresenta. Aqui, a corrente é de 7 ampères, que corresponde à técnica actual da electrocução americana: a tensão é de 4.600 volts: o coração e a respiração são aceleradas, mas o animal não morre.

A duração do contacto não parece ter uma grande importância. Prévost e Battelli conseguiram matar um cão num $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{2}$ segundo, ao passo que Simonin viu feridos de electricidade manterem-se agarrados ao cabo condutor durante mais de dois minutos sem morrer.

Após estes depoimentos tão concludentes, vindos dos pontos mais diversos do horizonte científico, não é muito difícil estabelecer uma opinião.

Resta-nos citar um especialista incontestado, um sábio francês de fama mundial, e cujo nome está ligado à descoberta das correntes de alta frequência. É o professor d'Arsonval.

«Se abandonarmos um animal electro-

cutado — escreve o sábio — a sua morte aparente torna-se definitiva; mas se procedermos à respiração artificial, pode ser reanimado. Se lhe applicarmos a respiração durante a aplicação da corrente, não morre. O animal sente a dor e não perde o conhecimento. O calor observado não é devido à passagem da corrente, mas à tetanização de todos os músculos; este aquecimento provoca a morte definitiva (morte pelo calor) a menos que se refresque artificialmente o animal».

Passando à electrocução judiciária, o professor Arsonval cita o caso dum condenado de 75 quilos morto em 50 segundos por uma corrente de 3 ampères sob 1.500 volts, ou seja uma potência de 4.500 watts, representando cerca de 1 calórico por segundo. Se o corpo do condenado funcionou unicamente como uma resistência de radiador eléctrico, a sua temperatura foi elevada de menos de um grau.

«O calor excessivo provocado pela electricidade é produzido pela contracção violenta dos músculos, e traduz-se por uma rigidez cada vez mais rápida: o cadáver dum veado fatigado, morto na caça após longa perseguição».

«Partindo destas experiências — continua Arsonval — sou contra a electrocução que qualifico de meio de execução bárbaro. Aconselhei aos electrocutores americanos a experiência da respiração artificial. Isto levou-os a ordenar a autópsia imediatamente após a execução: como precaução prudente não se podia exigir mais!»

O dr. Chauvois, porta-voz do eminente físico conclue:

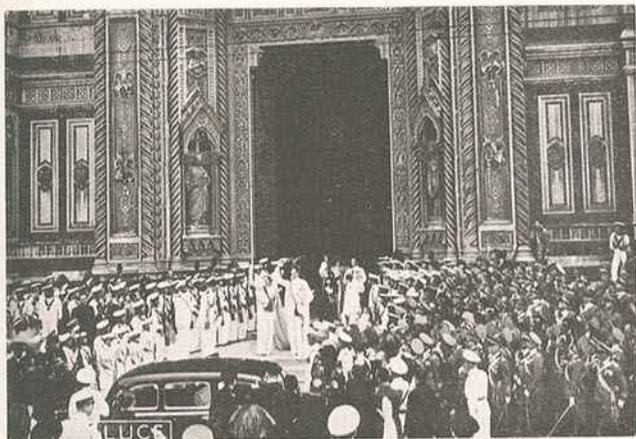
«Isto foi escrito em 1884. Desde então a cadeira eléctrica tem sido aperfeiçoada na América, mas o estado actual em que foi exposta, segundo um inquérito dum grande jornal (1935) confirmou toda a crueldade que existe em matar por tal meio o desgraçado suppliciado».

É assim que os sábios de irrefutável competência consideram o suplício da cadeira eléctrica.



Um aspecto de Nova York

NOTÍCIAS DE ITÁLIA



O casamento da princesa Irene da Grécia com o duque de Spoleto, celebrado na catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença. Os noivos saindo do templo.



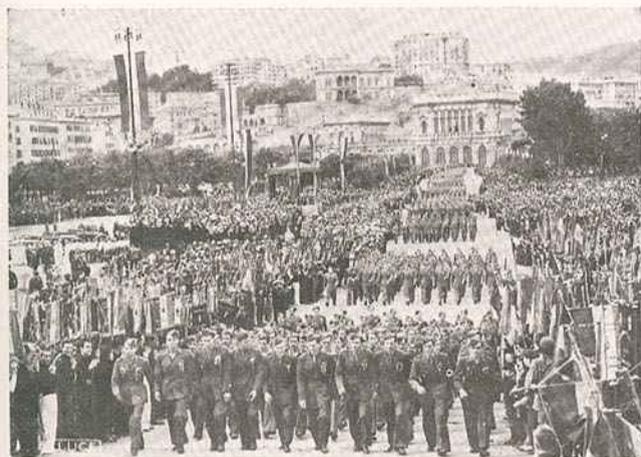
Os marinheiros apresentando armas na passagem dos noivos à saída da célebre catedral de Florença maravilhosa de construção do Século xv.



Um aspecto da imponente cerimónia do casamento da princesa Irene da Grécia com o duque de Spoleto na catedral de Santa Maria de Florença.



O desembarque dos legionários italianos em Genova no seu regresso de Espanha onde se bateram junto das tropas do generalissimo Franco.



Um impressionante aspecto do desfile dos legionários na Praça da Vitória em Génova, após o seu regresso da guerra de Espanha.



O rei Victor Emanuel recebendo os legionários italianos que se bateram na guerra de Espanha e obtiveram no seu regresso uma recepção triunfal.



Figura de Job

TODAS as vezes que ouço falar de Espanha, seja qual for a cor das vozes que a discutem, lastimam ou exaltam, entristece-se-me o coração e emmudeço. A lufada de recordações de alguns passeios de estudo, por suas províncias dadas, acaba por me enervar de todo e procuro esquecer o quanto agora ouço, refugiando-me no quanto lá aprendi há anos. Naturalmente os grandes altares e outros monumentos de escultura, tomam volume primeiro nas minhas evocações. Corro os museus, as igrejas, as praças, e exatamente como quando em saúde calcurrei terras de França, de Itália ou flamengas, da Alemanha ou da Inglaterra, sítios onde é adorável ser-se estrangeiro pelo amor incurável à nossa própria terra que como estrangeiros nos trata tantas vezes, as obras de arte engrandecem-se cada vez mais pelo mistério das vi-

sões distantes, em que a luz e determinadas memórias do ambiente quísi se esbatem, para beneficiarem a majestade das sombras ou do ouro daquelas, consoantes aos sentimentos e admiramos, em peregrinações nocturnas ou nas horas do sol.

Então o rosário das imagens recordadas, enfiado em incoerências de relação que nuns minutos nos faz saltar de norte a sul e da mais alta catedral à mais pequenina bugiganga de arte, acaba por se quebrar num enleio qualquer onde a nossa atenção resolve demorar, sendo fatal o motivo de partida dessas viagens evocativas esquecer até, para por deduções fugidias sugerirmos outros muito diversos, embora todo o pensamento tenha uma lógica e o espaço entre duas ideias ou duas saudades opostas tenham um fio de luz, que as uniram e associaram por capricho.

Cada aldeia espanhola era um museu e um cofre de inesperados encantos. Cada cidade era uma catedral solene, recheada de razões para deslumbramentos. Ávila, Granada, Valladolid, Toledo... Foi exatamente em Toledo, na minha velha mania de procurar túmulos de arte — só um português se compraz neste convívio com as proximidades da morte! — que depois de admirar e até contar os trinta e tantos sepulcros ornados com jacentes de cavaleiros, prelados, freis, monjas e doadores, na Catedral onde Portugal tem várias reliquias, desde a campa de D. Sancho ao pendão e imagem do Decepada, atravessei o burgo e fui procurar uma das mais belas esculturas de Espanha, obra do seu maior escultor, ao Hospital de S. João Baptista, que é o sepulcro do Cardinal Tavera, lavrado por Alonso Berruguete. Foi por sua vez este sepulcro que me levou a Alcalá de Henares, para ver o túmulo famoso do famoso Cisneros — o «Cardinal Rei», — esculpido por Bartolomeo Ordóñez, e a Sigenza, para rezar junto do mausoléu de D. Fradique de Portugal, que se encontra a par doutros de encanto.

ALONSO BERRUGUETE

Grande escultor — grande de Espanha

Alonso González Berruguete, pintor e escultor notabilíssimo, foi o filho mais velho de Pedro González Berruguete, o mais extraordinário pintor de todas as Espanhas. Presume-se ter nascido em Paredes de Navas, entre 1486 e 1490, segundo documentos ainda existentes, e que o seu sangue era de nobre estirpe oriunda da Biscaia, mas arribada a este condado onde seu pai nasceu e gozou de bens e de respeitáveis direitos. Seu pai, o grande pintor de Castela, andara na mocidade por terras italianas e, sobretudo, em Urbino deixara obra de valor, colaborando com Melozzo de Forlì e com Justo de Gante em muitos quadros. De regresso a Espanha onde casou e teve numerosa prole, educou seus filhos nas artes de desenho, prendas que se estenderam por heranças de dons até netos e bisnetos. Alonso, porém, foi o único artista de mérito superior, rival de seu pai na pintura, mas que só na escultura se notabilizou como um dos primeiros entre os primeiros. Parte da sua infância passou-se em Toledo onde o pai trabalhava e em 1504 morreu.

Pouco depois abalou Alonso para Itália, apresentando-se a velhos amigos do pai, os quais, dado o ambiente corporativo da época, o auxiliaram nos estudos e relações. Viveu bastantes anos em Florença, procurando seguir o rumo dos escultores do séc. xv e assemelhou-se a Miguel Angelo, de quem fez cópia dos cartões da *Guerra de Piza*, recomendado para isso, diz-se, pelo próprio Buonarroti. Diz Vasari, que em Roma onde houvera particular interesse pelos frescos da Sixtina, fôra eleito por Bramante, ao mesmo tempo que Jacopo Sansovino e outros mestres, para executar uma cópia em cera do celebrado grupo de Laocoon, o qual seria fundido em bronze, segundo o julgamento autorizado de Rafael e outros artistas de igual nomeada. Voltando a Florença foi encarregado pelos padres de S. Jerónimo de terminar um retábulo do altar-mor da sua igreja, começado por Fra Filippo Lippi, o qual por sua vez deixou por acabar, visto em 1520 haver partido para Espanha, onde logo foi nomeado pintor e escultor do Imperador Carlos V.

Há quem presume errada a atribuição daquele retábulo dos Jerónimos, e em vez dele ser de Fra Filippo Lippi, morto em 1469, é mais natural ter sido inventado por seu filho Filippino Lippi, morto no ano de 1504, como o velho Berruguete. Palomino e outros biógrafos levianos dizem que Alonso Berruguete fôra discípulo de Miguel Angelo, o que é contestado por críticos mais prudentes, pois é sabido do quanto era avesso a aceitar discípulos o mestre florentino, permitindo junto de si, quando muito, preparadores de tintas e esboçadores de canteiro, simples picapedras para desbas-

tes do grosso. É também sabido o seu génio rabugento e exigente, que levou a despedir com maus modos os ajudantes vindos de Florença, para esboçarem o tecto da Sixtina, cujo trabalho o mestre borrou e destruiu com furia, fechando-se a sete chaves até o fim da obra e aonde penetrava o Papa apenas, contra sua vontade.

Consta também Alonso Berruguete ter-se dado com Andréa del Sarto e com Bandinelli, julgando-se muito crível êle ter procurado em viagens por Bolonha, Milão e Pavia, estudar as obras de Della Quercia e Giovanni de Nola. O crítico espanhol R. de Orueta, num bem orientado volume sobre Berruguete, descobre e diz ter entre eles topado semelhanças e influências.

É incontestável, todavia, uma grande aproximação de temperamentos, comparando-se a sua obra com a de Miguel Angelo, ambos alacados de valentia no avolumar das formas, no contorcionar movimentos e no compor monumental das massas. Entre os mestres que estudou em Itália, Miguel Angelo teve lugar principal — e de aí o chamar-se-lhe discípulo, — embora com o tempo Berruguete se espanholizasse inteiramente, vendo os dramas com securas mais torturadas, as formas mais escarpeladas no sentido anatómico das dissecações rígidas, e certos encantos estéticos pelas abundâncias de panejamentos, em contraste com a magresa dos corpos e os exagêros de expressão, que imprime nas faces das imagens, assim como as violências dos gestos e dos rigores esqueléticos, que caracterizam as mãos e sobretudo o pés das suas figuras.

Como exemplos notáveis temos os 40 relevos do estuendo catedral da Sé de Toledo, com Apóstolos, Profetas, Santos e dramas simbólicos, considerado por muitos como a magistral obra-prima do seu génio. Na verdade, em toda a Espanha não se topava uma obra de conjunto mais expressiva e impressionante do que esta — e Deus sabe quão numerosas e intensas são as grandes obras de arte espalhadas por todos os cantos deste maravilhoso país, de tão truculentas paixões representadas em painéis e em pedras sagradas pelo génio dos seus artistas! João de Borgonha, outro extraordinário escultor que a seu lado emparelha, fica-lhe à quem o poder de representar sentimentos e na valentia de criar moldes exteriores que sirvam àquelas paixões íntimas. É que Berruguete talhava a pedra e desbastava a madeira com as ousadas menos contidas duma raça sôfrega de ascensão, presa à terra pelas raízes do amor, mas desceja, pelo espírito fanático, de desvendar o céu. Entre os muitos sepulcros que lavrou com arrogâncias de quem pretende vencer o mistério da morte, o do Cardinal Tavera, mitrado e ainda mal liberto da vida, comove-nos a ponto tal, que me recordo de passar uma noite a vadear por Toledo, a ver se encontrava sustos maiores nas sombras da cidade, que aprezassem a angústia produzida por aquela obra no meu coração desprevenido.

Mas Berruguete, criador da escultura barrôca, com um século de antecedência, desde que regressara a Espanha para esculpir o retábulo da Capela de Santa Engrácia, em Zaragoza, e um sepulcro de D. António Agustín, obras por nós desconhecidas visto terem sido destruídas durante a Invasão Francesa, assim como as que Carlos V o encarregava de executar em Madrid e Granada, inventou e lavrou muitas mais imagens, relevos e monumentos funerários, hoje conservados, sobretudo, em Valladolid, no museu magistral da escultura espanhola, e nos retábulos de S. Bento, em Salamanca, em Cáceres, em Olmedo, em Abeda, em Palencia e em Madrid. Modelou também as portas monumentais e capitulares da Sé de Cuenca, com imagens relevadas no mesmo estilo e orientação das do corno de Toledo. Em Huete talhou igualmente uma grande portada, em Santa Maria de Castejon. Esculpiu em Palência o famoso sepulcro dos Marqueses de Pozas, com as estátuas orantes e muitas imagens a sobrepô-las no alto da composição, um pouco mais simples que o majestoso túmulo de D. Francisco de Vargas e sua mulher D. Inês Carvajal, na Capela do Bispo, em Ma-

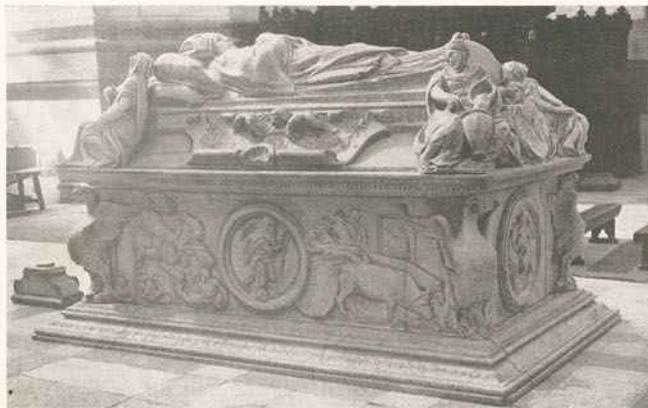


S. Tomé. Relievo da catedral de Toledo

drig, cujo retábulo congestionado de imaginária ornamentação, muito à maneira espanhola, nos atordoa e esmagava.

Há um facto curioso e estranho na sua vida. Pouco antes de arribar à terra natal, foi nomeado pelo Imperador, *escrivão do crime* na chancelaria de Valladolid, honra de abastados proventos que a sua linhagem justificou, em parte, e as amizades e preito da Corte lhe quizeram render. Conquistador de muitos bens de fortuna, casou com mulher nobre e rica, de quem teve muitos filhos e com quem organizou grande casa, servido por criadagem e usando de mulas para viagem, o que provocou censuras e invejas no meio em que esculpiu a maior parte daquela obra imorredoura. Pouco depois de terminar a jazida magnífica do Cardinal de Toledo, ali faleceu no hospital de Afuera, em 1561, tendo sido sepultado na igreja de la Ventosa.

DIOGO DE MACHADO.



Sepulcro do Cardinal Tavera



S. João Evangelista. Relievo da catedral de Toledo



Formeirão do sepulcro do Cardinal Tavera



O projétil motorista do canhão ambulância apresenta-se devidamente protegido contra o flagelo dos gases

Nos tempos que vão correndo, uma das preocupações que mais apouca a Humanidade é a defesa da guerra química, esse monstro traçoiro que empolga os pobres com a voracidade da peste.

Neste assunto fala de cadeira o sr. tenente farmacêutico Gomes da Costa que nos dá os mais preciosos ensinamentos.

Indo procurar as origens do pavoroso flagelo, o ilustre oficial químico diz que ela remonta a 600 anos antes da Era Cristã, citando a acção de Políbio e Enéas, e referindo-se aos cercos de Deli e Platá.

Os velhos conhecimentos indicam as vantagens do emprêgo do vinagre embebido em panos e com terra, na extinção

das fogueiras produtoras de fumos tóxicos, ou melhor sufocantes.

E então, o tenente Gomes da Costa salienta:

De facto, sempre que a Humanidade entra em guerra, aparecem tentativas de emprêgo de substâncias da mais variada ordem — enxofre, alcatrão, resina, petróleo, carvão, estopa, etc. — com o fim de enfraquecer o inimigo em luta. As tentativas repetem-se de século para século, até que no tempo de Napoleão III, aparece a primeira tentativa de emprêgo de projécteis asfixiantes, feita contra cães, nos campos de Châlons, com resultados positivos. Pouco mais ou menos na mesma altura, um professor alemão, Bayer, refere-se à possibilidade de em-

preço de gases asfixiantes, sob o ponto de descentes. A chuva coia a nuvem ao solo. Apamilitar, no decurso de uma conferência, realice em seguida o projecto: foi muito usado em Munich.

SURPRESAS DA FUTURA GUERRA

O PAVOROSO FLAGELO DOS GASES ASFIXIANTES

preço de gases asfixiantes, sob o ponto de descentes. A chuva coia a nuvem ao solo. Apamilitar, no decurso de uma conferência, realice em seguida o projecto: foi muito usado em Munich.

Os povos sentem as primeiras repulsas a 45 graus, lembrava o morteiro da actual infantais ideias e, prevenido guerras futuras emiria. O emprêgo simultâneo de vários projecto-gases fôsem utilizados, as Convenções, comandados electricamente, lançando, à dis-Haia de 1899 e 1907 decidem que seja proinca de 1 a 5 quilómetros. projécteis de 20 a 25 quilos de peso, ocasionavam efeitos rápidos e seguros, sem possibilidade de se dar o sinal de alerta a gás. Tinha o inconveniente do projectil fazer um forte zumbido, grande chama e detonação forte que, uma vez conhecidas, diminuam os efeitos anteriormente ditos.

Aparecem em seguida os bombardeamentos de artilharia empregando projecteis com gases fugazes ou persistentes. No primeiro caso, para aumentar um pouco a aderência ao terreno e retardar a diluição no ar, juntava-se um cloreto fumígeno. O segundo caso era empregado sempre que se pretendia infectar uma determinada zona.

Surgem-nos depois os bombardeamentos aéreos. Para este tipo de agressão só os gases persistentes têm o seu emprêgo recomendado. Militarmente, este processo de ataque químico tem muito maior número de vantagens a apontar que o anterior. E descreve-se então uma infinidade de gases: o cloro, o fosgênio ou oxiclóreto de carbono, os vesicantes, os irritantes, os lacrimogénios, os tóxicos, etc., etc. Como é natural, o homem que espalhou o mal, procurou a maneira de se precaver contra éle. E inventou os aparelhos de protecção.

No primeiro ataque de gases, os alemães defendiam o pessoal encarregado deste serviço, com um tapa-bocas ou mordacha de protecção visual, constituída por um ou dois visores de mica. A respiração fazia-se como anteriormente, através de um tampão, embebido em soluções neutralizantes. Era feito em tecido impermeável forte e consoante o modelo, apertado por debaixo do queixo ao pescoço, por meio de fitas ou elásticos, não permitindo assim teoricamente a entrada de gás. O capuz modelo inglês tinha uma válvula de expiração e era guardado junto dos olhos com um dispositivo de borracha esponjosa destinado à protecção contra os gases lacrimogénios. Este tipo de aparelho tinha o inconveniente de elevar a temperatura interior, a má adaptação e pouca estanqueidade junto do pescoço. Em principio de 1916 aparece novamente o tampão, mas com impregnacão; foi utilizado o óleo de ricino e o ricinato de sódio, fundamento na acção física da dissolução dos gases nos óleos. As reacções químicas baseadas nos neutralizantes até aqui usados eram demoradas, digamos lentas, em relação aos novos agressivos químicos que começavam a ser empregados.

Em seguida o projectil motorista do canhão ambulância apresenta-se devidamente protegido contra o flagelo dos gases

Uma horriente mas se exige

Operários trabalhando na extinção dum incêndio provocado por uma bomba atirada por um avião



As precauções são adequadas até nos recolhimentos religiosos onde só deveria entrar a palavra de Deus

meio húmido; daí o emprêgo alemão da mordacha com carbonato de sódio dissolvido em água glicerinada. Foram estes os meios empregados em 1915. Aparece em seguida a mordacha aumentada de superfície constituindo o tampão, permitindo já uma maior adaptação aos dois lados do nariz. Era mais ou menos assim o primitivo modelo usado pelos franceses e chamado de Berthier. O uso do tampão desenvolve-se, aparecendo modelos com armadura metálica maleável, podendo adaptar-se à cara.

No fim do ano de 1915, surge o primeiro rudimento propriamente dito de máscara — o capuz — que, segundo os modelos, já possuíam uma pequena protecção visual, constituída por um ou dois visores de mica. A respiração fazia-se como anteriormente, através de um tampão, embebido em soluções neutralizantes. Era feito em tecido impermeável forte e consoante o modelo, apertado por debaixo do queixo ao pescoço, por meio de fitas ou elásticos, não permitindo assim teoricamente a entrada de gás. O capuz modelo inglês tinha uma válvula de expiração e era guardado junto dos olhos com um dispositivo de borracha esponjosa destinado à protecção contra os gases lacrimogénios. Este tipo de aparelho tinha o inconveniente de elevar a temperatura interior, a má adaptação e pouca estanqueidade junto do pescoço. Em principio de 1916 aparece novamente o tampão, mas com impregnacão; foi utilizado o óleo de ricino e o ricinato de sódio, fundamento na acção física da dissolução dos gases nos óleos. As reacções químicas baseadas nos neutralizantes até aqui usados eram demoradas, digamos lentas, em relação aos novos agressivos químicos que começavam a ser empregados.

Funcionamento: — O ar inspirado entra no filtro através da válvula de inspiração; segue depois pelo tubo ao bocal da máscara, ramificando-se por dois canais até sair junto dos óculos. Quando se inspira, a válvula de inspiração fecha, e o ar sai pela de expiração, situada na parte anterior do bocal. Este tipo de máscara não protege contra o óxido de carbono.

O aparelho isolador de Dreschel consta de um depósito de oxigênio, saco respiratório de borracha, caixa contendo sôda ou potassa cáusticas, pinça para o nariz e um par de óculos. São aparelhos muito pesados e de custo elevado.

Seria muito fastidioso, senão impossível, enumerar a enorme quantidade de



Ardoz trab. lha para equilibrar a balança da Justiça...

Já lá vai o tempo em que o trabalho era considerado um martírio.

Na verdade, não havia outrora condições nenhuma para que o mister de cada qual se tornasse agradável de desempenhar.

Na já distante Idade Média, cheia de religiosidade, de fanatismo até, que importava ao Estado ou à Sociedade que os seus membros gozassem saúde, que o

trabalho fôsse leve e agradável, que se deviam evitar tanto quanto possível as doenças, porque diminutos eram os meios de cura?

Mens sana, sim; in corpore sano, não importava por aí além.

Era rude e primitiva toda a engrenagem medieval.

Kronos, que nunca se detém, êsse deus mitológico que resolveu para si o problema do *motu-contínuo*, ia rolando ininterruptamente. Os anos foram, pois, correndo.

Êsses anos formaram lustros; êstes constituíram séculos.

E começou a pensar-se diferentemente: o homem, como engrenagem de toda esta complicada máquina que é a sociedade, precisava de protecção, de carinho, de condições higiénicas e sanitárias que lhe permitissem gozar uma boa saúde.

Como diria mais tarde um ilustre escritor, à medida que a civilização ia fazendo conhecer ao homem os seus benefícios e as descobertas científicas iam aumentando o bem-estar e desfazendo velhas lendas só próprias de espíritos atrozados, o ser humano voltava-se mais para a Terra, descurando um pouco ou melhor, reduzindo a proporções razoáveis a sua adoração ao Ente Supremo. Era a conjugação, a síntese, do espírito com o corpo.

Êste movimento, universal, que se iniciara ao declinar do século XVIII, estendeu-se por todo êsse glorioso século XIX, que tantos detratadores hoje tem, e atinge o seu apogeu nos nossos dias. E muito numerosas são as escolas filosófico-económicas que incitam a intervenção do Estado em favor do trabalhador, nos aspectos material e moral, para a fixação dos salários, para a conservação da saúde, para o amparo na doença e na velhice, doutrinas a que o catolicismo deu a sua adesão na notável enciclicla *Rerum Novarum*, de Leão XIII, a qual, em 1951, foi completada pelo sábio papa Pio XI com a *Quadragesimo Anno* — ambas formando um marco impercível na história da Igreja Católica.

Se hoje se entrar numa oficina, numa fábrica, em qualquer local de trabalho, verifica-se que a temperatura é agradável — a natural é refrescada no verão e aquecida no inverno; os diferentes maquinismos foram adaptados tanto quanto possível à comodidade e segurança de quem tenha de os manejar; a assistência no desem-

A VERTIGEM DO TRABALHO

Modos de ganhar a vida que oferecem perigos de morte

Grangeia-se o pão assim como quem faz alpinismo

prêgo, na doença, na invalidez, está garantida.

São mesmo já numerosos os locais onde se ministra uma alimentação racional ao trabalhador: que quer dizer, com um mínimo de despesa ingere-se o máximo de vitaminas.

A verdade, todavia, é que, com todas as comodidades hodiernas, são numerosos ainda os indivíduos que, sujeitando-se embora ao sol ardente ou às intempéries desabridas, preferem trabalhar ao ar livre. É, afinal, aquela velha fábula do cão e do lobo, em que êste, apesar de esfomeado, preferia assim continuar a, bem alimentado e com boa cama, ter de se sujeitar à coleira e à prisão durante o dia.

Acontece ainda que nem todos os trabalhos podem ser feitos debaixo de telha: há-os assim para todos os gostos e paladares.

Seria absurdo pensar-se em construir uma casa ao abrigo do leto numa oficina ou lançar uma ponte de modo semelhante.

Na Europa, porém, nenhum requisito anormal se exige para êstes misteres exercidos ao ar livre: suficiente robustez física, alguma agilidade e uma saúde que não se abale facilmente, eis o que basta.

Na América, já o caso é muito diferente.

Acrece, efectivamente, um requisito que é de uma importância primacial na

escolha do assalariado. É o de o candidato a trabalho ao ar livre não sofrer de vertigens.

Sim, leitor, porque é radicalmente diferente trabalhar no telhado dum prédio que não sobe a mais de dez a vinte metros, ou no terraço dum outro que, com os sessenta ou setenta andares de que se compõe, se eleva a muito mais de uma centena de metros.

De facto, o vigamento metálico é aquele que exige os homens mais robustos, com um pé bem firme e uma vista que não se turve ao olhar o abismo.

Os numerosos arranha-céus que a América, e os Estados Unidos principalmente, ostentam nas várias cidades, de Nova Iorque à beira do Atlântico a São Francisco do outro lado, lá na Califórnia, debruçada sobre o grande oceano que se denominou de Pacífico, são constituídos por uma estrutura de aço, esqueleto grandioso no qual se vão ligar as paredes, as internas e as externas, tão essenciais ao edifício como o próprio arco-bóio.

O método americano de construção, para que se demore o mínimo espaço de tempo possível, difere fundamentalmente do europeu.

Ao mesmo tempo que se vai terraplanando o local escolhido e abrindo os alicerces, em oficinas apropriadas prepara-se a ossatura do edifício a construir, que é montada com grande rapidez, pedindo-se o auxílio a potentes gruas que levantam à altura necessária os enormes blocos de aço.

Acabado êste serviço, uma verdadeira legião de operários, do pedreiro ao caidador, trabalham simultaneamente em todos os andares. Assim um edifício de algumas dezenas de pisos, que no velho continente demoraria uma infinidade de tempo a levantar, está concluído em alguns meses na América, graças ao bom senso prático dos *yankees*, que, apesar das suas *madurezas*, dos seus modos de proceder que muitas vezes os europeus e, em especial, nós os latinos, não compreendemos, são porém muito práticos nas suas realizações, são século vinte cem por cento.

E a enorme altura das casas americanas levanta outros problemas: a limpeza das fachadas, dos edifícios, a pintura, etc., etc.

Mas o serviço faz-se: circulando por um entablamento de, apenas, sessenta centímetros de largura, ligado por cabos, o operário vai meticulosamente fazendo o trabalho que lhe compete.

No entanto, lá do 50.º andar, de cento e cinquenta metros pelo menos, não deve ser nada agradável contemplar a 5.ª Ave-

nida ou a Broadway, sem resguardo de qualquer natureza.

Você, gentil leitora, que se se debruça sobre o Chiado do alto do elevador de Santa Justa, cai logo desamparada nos braços da pessoa que porventura a acompanhe, já havia pensado alguma vez nos homens que desempenham tão perigosas funções?

E pintar as pontes? Êsse é outro trabalho para que são precisas uma força e uma coragem muito grandes, insuperáveis.

Uma revista francesa descrevev algumas obras duma ousadia extraordinária, como sejam as pontes suspensas de Nova Iorque e de São Francisco, ambas com distâncias entre os pilares extremos que ultrapassam o quilómetro.

Sobre o Hudson, mil seiscentos e sete metros mediam entre as duas extremidades da ponte de Nova Iorque; um pouco mais pequena, com menos trezentos e noventa metros, é a da cidade californiana.

Os tabuleiros das pontes estão ligados a cabos, que atingem um metro de diâmetro, mas que necessitam, para se conservarem e fugirem à acção destrutiva dos agentes atmosféricos, de ser pintados com muita frequência.

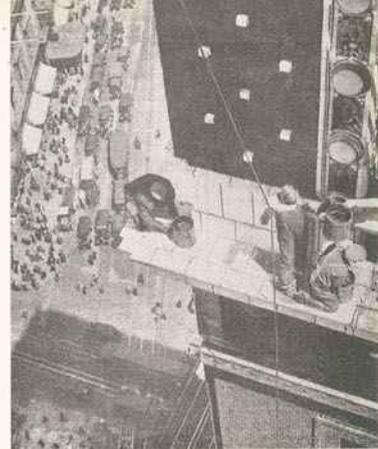
Foi por isso que em Nova Iorque se constituiu uma brigada de operários pintores que trabalham constantemente nas pontes: logo que, com todo o cuidado e sem escapar um centímetro, pintaram todas as partes da obra, êles recomecem de novo no outro extremo da ponte. E assim sempre, sem haver qualquer interrupção no serviço, pois da sua boa execução e frequência depende a vida dos que se utilizam dos tabuleiros.

Não quer dizer que na Europa não haja também obras em que trabalhar lá representa um perigo: é o caso dos Inválidos e da Torre Eiffel, em Paris; de alguns edifícios londrinos, berlinenses, etc. O que se nota é que, enquanto aqui é uma excepção, na América é regra os edifícios e os monumentos serem de altura fora do vulgar.

Finalmente, outros serviços há para os quais se precisa de ser bom alpinista. Já alguma vez pensou, leitor, nos trabalhos, nos dramas que estão ligados à construção dum funicular? É preciso primeiro desbravar o caminho, transportar os materiais, assentá-los, montá-los, pô-los prontos a um bom e perfeito funcionamento, que ofereça a segurança indispensável.

E depois dêle estar a funcionar, necessário se torna uma aturada vigilância em todo o trajecto do funicular, vista a possibilidade de qualquer leve desarranjo originar um desastre de conseqüências, talvez, gravíssimas.

Enfim, é a eterna luta do Homem com a Natureza: esta, imutável, obedecendo a leis físicas que não variam, e que apesar disso provocam de vez em quando surpresas muito desagradáveis ao pobre bicho humano, que afirma conhecê-las já de sobejo; aquele, o eterno insatisfeito, orgulhoso por temperamento, en-

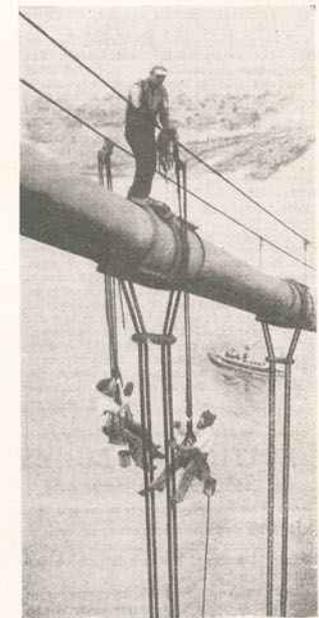


Como se limpam as fachadas das casas de Nova Iorque

genho por necessidade, procurando por todas as formas torpedear as leis naturais, procurando quotidianamente novos caminhos que o possam levar mais além.

Sempre o mesmo pensamento: Plus ultra! Mais além, para que inacessível, vedado ao homem, sejam duas palavras que possam desaparecer, duma vez para sempre, de todos os dicionários!

GASPAR DA CRUZ FILIPE.



Operários que levam a sua vida riscando num ponto onde tantas vezes tinham iniciado o seu trabalho e assim sucessivamente



A imagem das arranha-céus, norte-americanos força os operários a verdadeiros exercícios de acrobacia

PEDRO chega ao café e vai a sentar-se — como de costume — ao lado do seu amigo Paulo. Este não o deixa sentar-se :

— Disseram-me que falavas muito mal de mim.

— Quem te disse uma coisa dessas ?

— Alguém... Alguém que tu não conheces...

Pedro sai furioso — gritando :

— Parto a cara á primeira pessoa que eu não conhecer !

— Dá-me seis vintens de linimento e seis vintens de cimento — pediu o rapazito na drogaria.

— Queres os embrulhos separados ? — perguntou o droguista.

— Quero, sim, senhor — respondeu o rapaz. — Um é para a mãe, para ela concertar o bule.

— E o linimento é para o pai ? — disse o droguista.

— É — respondeu o pequeno. — Foi em cima d'êles que a mãe partiu a bule.

Pergunta alguém a um antigo militar, que servira durante a guerra franco-prussiana qual fôra a maior façanha que praticára. O ex-guerreiro respondeu com orgulho :

— Cortei as pernas a um inimigo !

— Porque não cortou antes a cabeça ?

— Porque já lh'a tinham cortado.

— O que é uma execução capital ? pergunta alguém, numa roda de boémios.

— É uma *matinée* dramática onde o principal actor perde a cabeça mal entra em cena.

Um ricaço de província, que desejava estabelecer residência na capital, dirige-se a um escritório de trens de aluguer e expõe ao empregado, um aranzel tólo, que desejava uma car-

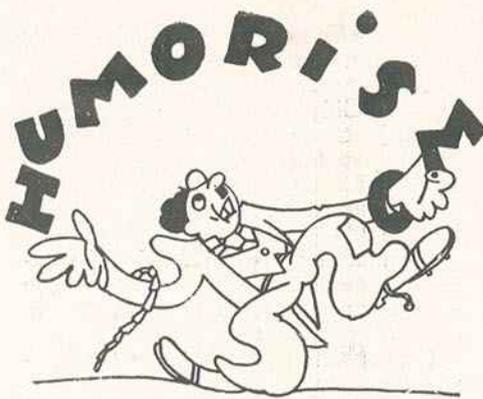


— Então o que te parece o título que mandei construir ?...
— Parece-me... piramidal !...

ruagem luxuosa aos mezes e acrescenta :

— Quando eu fôr só na carruagem, vai só uma cavalgada, e quando eu fôr com minha mulher, vão duas, entendeu ?

— Perfeitamente, e vá V. Ex.^a des-



cansado. Cada pessoa, cada cavalgada. E meninos não tem ?

— Não senhor, mas porque me faz você essa pergunta ?

— E' porque se os tivesse, e fôsse algum de carruagem, era mais uma besta.

No confessorio :

Um penitente ajoelha aos pés do confessor, e depois de persignar-se e de rezar a confissão, pergunta-lhe o padre :

— Vem com fé e constricto ?

— Não, sr. padre ; venho sozinho.

Entra um freguez num restaurante e pergunta :

— O que há hoje para o jantar ?

O criado respondeu pressurosamente :

— Canjacroquettes peixelinguaervi lhasrobife.

— Alto ! exclama e freguez, traga-me as duas primeiras sílabas e as últimas três.

Antes da guerra, um turco falava com um europeu sobre poligamia.

— Na Europa — pergunta êle — quando se é casado com uma só mulher, como é que vocês chamam a isso ? Mono...

Mono...

— Monotonia ! — informa o europeu.

Um jóvem engenheiro agrónomo que acabára de sair da escola, fala com ares de grande superioridade a um lavrador que lhe mostrava a sua propriedade e as suas culturas.

— Os seus métodos são muito rotineiros. Repare naquelas árvores : tratadas como estão, aposto que não chegam a produzir dez quilos de maçãs...

— E ganhava a aposta, sr. engenheiro — replicou, em tom sarcástico, o lavrador — visto que as árvores não são macieiras, mas pereiras...

— Meu caro amigo, faz-me um favor ? Acabo de reconhecer com profunda sensaboria que me esqueceu a bolsa em casa. Emprста-me cem escudos ?

— Não lhe posso emprestar cem es-

culos, mas posso proporcionar-lhe o meio de os arranjar.

— O' meu amigo, quanto lhe agradeço !

— Aqui tem cinqüenta centavos ; meta-se no eléctrico e vá buscar a bolsa a casa.

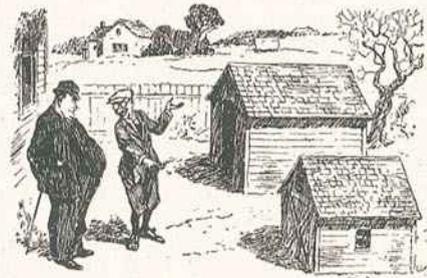
Max, a coxear e a sofrer, foi consultar o médico, a-quém mostrou as desancadas canelas cheias de feridas com o pior dos aspéctos.

— Vejo que é um jogador de rugby, — declarou o clínico, depois da respectiva observação.

— Engana-se, sr. dr. Sou apenas jogador de bridge, e tenho como parceiro a minha mulher.

O Fernando tinha comido a parte macia das torradas ao almoço e deixando ficar as côdeas num monte dentro do prato.

— Quando eu era um rapazito da tua idade — observou-lhe o pai — comia sempre as côdeas das minhas torradas.



— Olhe, meu amigo, aquela casa da esquerda é do meu cão e esta da direita é a garagem do meu automóvel...

— E o papá gostava delas ? — perguntou o Fernandinho animadamente.

— Gostava — respondeu o pai.

— Então pode comer estas — disse o pequeno, empurrando-lhe obsequiosamente o prato.

O Manecas ouviu dizer que nos livros de estudo se encontram, ás vezes, certos micróbios perigosos.

— Podes estar descansado, papá — declarou o miúdo — Para evitar êsse micróbio é que eu nunca abro os livros, nas aulas...

Dois mendigos de profissão, amigos velhos, encontram-se à porta de uma igreja.

— Então, já não fazes de cego ?

— Não ; tem grandes inconvenientes. Dão-nos muitas vezes dinheiro falso, e a gente não pode rejeital-o.

Dia de grande baile no palácio de madame Pires.

Ela : — Estou pronta. E tu ? Julgava que o estivesse há muito...

Ele : — E' certo. Mas esperei tanto tempo, que tenho agora de fazer a barba outra vez...

A ARTE, CONSÓLIO DO INFORTÚNIO

Há vidas de mulher que a desgraça despedaça, esfarrapa, lança na miséria e desvaia no crime, mulheres que têm de saldar dívidas tremendas à sociedade, que têm de expiar para com Deus pecados horrendos, ou faltas, que o meio em que vivem, torna quasi inevitáveis.

Para com essas mulheres a justiça humana é severa, e, tem de o ser para evitar que o mal se propague, e, que essas desgraçadas avancem cada vez mais na senda tremenda do crime, espalhando o mal à sua volta.

Presas e condenadas, essas mulheres vivem numa das mais dolorosas coisas que existem na vida; na prisão. Com o sentido da liberdade, instinto que existe em toda a gente, que domina a humanidade, não pode haver maior castigo do que a prisão.

Para mim, a porta chapeada de ferro duma prisão, as grades que limitam o horizonte, e, que até no chão se marcam, quando o sol rei da criação, banha as janelas, causam-me uma muito maior impressão, do que a porta dum cemitério ou a dura pedra que cobre uma sepultura.

É tão doloroso entrar num cárcere, como seria descer a uma sepultura. Mas o desejo de conhecer o que pôde resultar de bom, dos grandes males, levou-me há dias, á prisão das Mónicas.

A nossa prisão das mulheres está longe de ser uma prisão modelar, em nada se parece com essas prisões que fazem da Alemanha um exemplo do género; prisões, que chegam a ser agradáveis aos olhos, e, que dão mais a impressão de reparação, do que a do castigo.

Mas não sendo uma prisão dessas que causam admiração, é tão grande o acceio que nela existe. É tão caído esse claustro onde outrora passeavam as puras religiosas, e, onde de um lado para o outro, passam hoje as criminosas, tão branco e iluminado com o seu roda-pé azul mediterrâneo, que perdemos um pouco a triste impressão do cárcere, e se não houvesse janelas gradeadas seria quasi alegre num luminoso dia de sol; o claustro branco e azul das Mónicas.

Por todo o edificio, o mais prodigioso acceio, por toda a parte essas pobres mulheres, vêem a limpeza, a ela se habituam.

A maioria são pobres raparigas desses miseráveis bairros que inda existem em Lisboa, e que o govêrno está substituindo, por bairros saudáveis e higienicos, o que é uma das mais necessárias e louváveis obras que pode fazer, porque assim se acabará com essa triste sementeira do vício, que nesses bairros alastra, em sinistra seara.

Raparigas que nascidas e criadas na suja promiscuidade da miséria abandonada, sem a mais leve noção de moral e do que é bem e do que é mal, cresceram como arbustos, que o vento da vida açota, derruba e arrasta para o enxurro do mal, porque não houve talvez quem carido-

samente as amparasse e servisse de esteio à sua pobre fraqueza.

Naquele ambiente de acceio e limpeza, a maioria dessas pobres mulheres, têm o aspecto de criaturas normais, fisionomias simpáticas algumas, que vivendo de outra maneira teriam sido talvez felizes e boas. Dormitórios dum grande acceio e arranjo, salas de trabalho e em cima num amplo salão, a crèche, cheia de crianças, de pequeninos entes, que abrem os olhos à vida. Numa prisão, que para a sua innocencia, não é um tormento, e que é adoçada por uma dessas maravilhosas vistas, com que Lisboa surpreende no mais inesperado recanto.

Do terraço gradeado onde as crianças estão nos dias lindos; avista-se o Tejo, deslumbrante e azul, numa extensão enorme, e, que nos enche os olhos de beleza e deve dar ás pobres presas uma maior ansia de liberdade, porque essa estrada aberta que é um rio e que é um porto, onde chegam e partem transatlânticos, dão-nos sempre o desejo da liberdade, e a nostalgia do mundo.

Mas as criancinhas na sua infantil alegria nada vêem senão o sol que as alegra e satisfeitas de não estar longe das mães, que as vêem todos os dias, brincam descuidadamente.

É que elemento de regeneração não são esses olhos innocentes que fitam com amor a mãe que para elles é a primeira entre todas, embora aos olhos do mundo seja uma criminoso!

Mas voltemos ao andar terreo, ao claustro alegre e soalheiro e entremos na sala em que grande número de presas trabalham, nos tapetes de Arraiolos.

É dirigida essa officina pela senhora D. Maria Arantes, alma de artista, que ainda em vida de seu marido o escritor Hemetério Arantes, se tinha apaixonado pela beleza dos tapetes de Arraiolos e ideou ressuscitar essa industria morta, que nos vinha de tão antigos tempos.

Senhora duma alta cultura, não tratou o assunto apenas de baixo da idéa de fazer tapetes bonitos, mas sim a de crear de novo uma arte desaparecida, e, estudou os desenhos antigos, inspirando-se naqueles maravilhosos tapetes que pertencem á collecção de José Relvas e estão nesse museu, que é a casa das Patudas em Alpiarça.

Estudou a questão desde a base e conseguiu arranjar lãs com essas cores antigas, deliciosas de tom e duma suavidade encantadora, lãs que já não existiam.

É conseguiu não só fazer lindissimos tapetes como fazê-los tão primorosamente que não devem nada aos antigos em beleza e gosto.

Essa senhora foi escolhida para essa linda obra, que é consolar almas doridas com a vista do belo e tão grande tem sido a sua influencia junto dessas pobres mulheres, que tendo de baixo da sua direcção presas das mais criminosas, é nelas que se encontra o maior número de rege-



neradas, de mulheres, que com o seu arrependimento resgatam o seu crime, seja elle qual for.

É que a beleza e arte não podem deixar de ter uma influencia soberana numa alma de mulher, mesmo que essa alma tenha endurecido no crime.

É uma das presas com quem falei, disse-me palavras que não esquecerei. «É um trabalho bonito este de combinar as cores, e seguir o desenho faz passar as horas tão depressa!»

Passar as horas tão depressa, que melhor obra de caridade pode haver para com uma condemnada, que conta as horas, os minutos, os segundos, que a separam da liberdade ansiadamente desejada.

Fazer com que um trabalho as interesse a ponto de esquecer que a vida vibra, fóra daquelas grades, que aferrrolham a sua mocidade ou os últimos anos duma vida que avança, é a melhor maneira de exercer a bondade.

É crear beleza enaltece quem a cria, e essas mulheres que arrependidas, ponto a ponto, horas sobre horas, criam essas obras de arte recebem o perdão de Deus, e, resgatam os seus crimes pelo que deixam de belo aos homens. Fizeram mal à sociedade, mas esse mal é resgatado pelas obras de beleza que anonimamente lhes legam.

É as flores nascem dos seus dedos e a heraldica beleza de desenhos, que as cores matizam com arte, absolvem-nas e incitam-nas ao bem.

Pelas nossas gravuras podem as nossas leitoras avaliar o encanto desses tapetes, que saídos do cárcere adornam, salas ricas de palácios, tornam confortáveis ninhos de noivas, que começam a sua vida, levam ás embaixadas a arte portuguesa.

Esses tapetes que sonhos não abrigarão, quando as horas passam, que saudades da vida não representam no seu aturado trabalho.

São imensas as encomendas e ali são reparados também os tapetes que sofreram estragos e reparados de tal maneira, que ficam perfeitos.

Não podemos deixar de nos inclinar profundamente diante de quem teve a idéa de fazer crear beleza ás mulheres ás quais a negridão da vida tinha escurecido a alma.

A senhora D. Maria Arantes, merece o respeito de todos os que se interessam pela arte, o agradecimento de todas as mulheres, que têm na alma sensibilidade e que não podem deixar de ter a maior compaixão, para com as pobres, que uma infancia num torpe meio, ou uma hora de paixão trágica lançou na tristeza do crime sem geral inconscientemente realizado, ou ainda causado por taras inconfessáveis dos que as deixam ao mundo, ou que a fatalidade lhes depára na vida.

Bem dita a Arte, que faz nascer flores dos abrolhos e que serve de consólio á tristeza da prisão, ao infortúnio do crime.

Arte que redime e que levanta, obra que encanta e que enriquece o país. Horas de amargura e de dor que se tornam em mimosas flores, em cores doces, em riscos artísticos, horas de saudade, de rancor talvez, rancor que a arte consola.

Os tapetes de Arraiolos da prisão das Mónicas, os mais artísticos que tenho visto são a mais bela obra de caridade; a que remunera o trabalho, permitindo que as reclusas tenham um pequeno pecúlio, á saída e, obra de arte que deixará nessas almas a inclinação para o belo, que dá também a inclinação para o bem.

MARIA DE EÇA.





O sepulcro de Maliv-Abû-el-Mulek, vencedor da batalha

pera da préza. Quem tem fome, adivinha... Assim aquelas aves já sabiam que tinham manjar certo dentro de poucas horas...

Quando o exército português abandonou a ponte, perdera para sempre as vantagens únicas que tinha sobre o inimigo.

Hâbil, El-Moluco, apesar de estar lutando com a agonia da morte, montou a cavalo, tomou as suas medidas de combate, e esperou que o inimigo o atacasse. Formou a infantaria (a maior parte era constituída por arcabuzeiros) numa grande meia lua, e por detrás todo o exército em quadrado. A extrema direita, reforçada da alguma artilharia, era constituída pelos renegados, e, na extrema esquerda, encontravam-se moiros andaluzes, aqueles expulsos de Espanha em tão má hora...

Dois divisões de dez mil cavaleiros reforçavam a ala, e os restantes em pequenos pelotões, constituíam a retaguarda.

A esquerda fora confiada a Ahmet (fu-

Como foi que se perdeu a batalha de Alcaçer Quibir?

Relato baseado nos livros árabes que imparcialmente contam a verdade

turo imperador) e este que desejava envolver o exército inimigo, comandava a direita e o centro.

Avançaram os portugueses, e os moiros fugiram ao primeiro choque. Mas, El-Moluco já descobrira a nossa artilharia, as balas portuguesas de nada já serviam, faziam branco nos moiros...

A artilharia do imperador também fora inútil.

Carregam os moiros: Duarte de Meneses, prático de Marrocos, deteve-os. Agora, as balas dos muçulmanos matam alguns nobres dos nossos, estabelecendo logo receios. Foi quando el-rei, temendo um fracasso imediato, gritou: «Santiago!» e a esta voz, repetida por

todos os comandantes e soldados, os portugueses arremeteram com tal fúria contra a moirama que lhe destroçaram o centro do exército, desfazendo-o e dispersando-o, que arrastou na fuga uma grande parte da cavalaria. Tantos, porém, eram os moiros, que lóra necessário repetir por três vezes o mesmo

FORMAVA O exército português uma massa compacta e ordenada, precedida de cavaleiros e arcabuzeiros, cobrindo a vanguarda, composta de: Afonso de Aguiar, comandando os espanhóis e italianos; Luis de Godoy, os afitadores; no centro os aventureiros comandados por Alvaro de Távora, à direita, os tudescos sob a direcção do coronel Talberg, encobertos pelos arcabuzeiros portugueses e os fronteiros de Tânger, comandados por Hércules de Piza. Os contingentes das diversas nações, alugados ou voluntários, em fracções mais ou menos pequenas, vinham agregados àquêle corpo de exército.

O maior corpo de batalha era formado pelos portugueses, levando à frente D. Miguel de Noronha e Vasco da Silveira.

A retaguarda era composta pelas legiões portuguesas de Diogo Lopes da Silveira e Francisco de Távora. Todos estavam alegres e embora sabendo que iam morrer, aceitavam a morte com o maior desprêzo... Seguiam encobertos por trezentos mosqueteiros e duas peças de artilharia.

As outras peças iam na vanguarda, e a cavalaria formava em duas secções aos lados.

Mas o grósso do exército fora entregue a D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro, e a direita correspondente a Rodrigo da Silveira; a esquerda escoltava o estandarte real e junto a êle, em guarda, seguia o conde de Portalegre, o embaixador de Espanha e D. Teodósio de Barcelos, filho primogénito do duque de Bragança, o qual, apesar dos seus escassos doze anos de idade, lóra mandado por seu pai, que se encontrava gravemente doente, mas que, seguindo a mentalidade do tempo, preferia sacrificar o filho, a que o seu apelido e sangue fallassem ao lado de El-Rei.

No lado direito da retaguarda formava El-Negro com duzentos homens apenas. As bagagens, incluindo carros, assim como os constantes acompanhantes do exército, e as mulheres, ficaram na retaguarda.

Tomadas estas disposições, El-Rei descera à planície. O sol caía a prumo; os corvos já pairavam no espaço à es-



D. Sebastião aos onze anos — por Cristóvão de Morais



D. Seb stião — por Cristóvão de Morais

golpe, para que se confessassem derrotados. Dois dos estandartes verdes que rodeavam a tenda de campanha do imperador, caíram nas mãos dos portugueses.

El-Moluco, quasi a ser feito prisioneiro, vendo a fuga dos homens, e já nas ânsias da morte, pediu um cavalo e começou a reorganizar o exército tão espartadamente destroçado. Os seus ajudantes supplicavam-lhe que desistisse, porque ia morrer e assim evitava que o seu corpo caísse entre as mãos dos cristãos, quando, acometido duma síncope mortal, caiu desfalecido, e foi levado pelos seus homens à tenda de campanha, onde, dentro de poucos segundos, pondo um dedo nos lábios, expirou. El-Moluco tinha pouco mais de trinta anos. Era um génio extraordinário, inimigo leal, que nunca desejou a guerra, oferecendo tudo o que possuía para evitá-la, e a firmeza da sua alma estava tão à prova que, ainda nos momentos supremos, teve força sufficiente para fazer compreender aos seus que no segredo da sua morte estava a vitória. E, assim sucedeu ao pôr um dedo nos lábios, em sinal que se calassem.

Dali em diante um renegado espanhol,

ocultado com o cadáver, falava por El-Moluco como se ordens procedessem da boca do imperador...

A uma distância de quinhentos anos dois homens geniais alcançavam a vitória com o segredo da sua morte: O cid (Rodrigo Dias de Vivar) vencendo os sarracenos, e o imperador El-Moluco vencendo os portugueses.

Mas os alarves, selvagens que povoavam aquela região, aperceberam-se da morte do imperador — e foram levar a «nova» da derrota dos moiros à capital espiritual do império — a Fez. Ainda hoje é tradição entre aquelas cabildas a derrota do exercito muçulmano.

O exército português, entusiasmado pela vitória, avançou tanto que já se encontrava em sérias dificuldades.

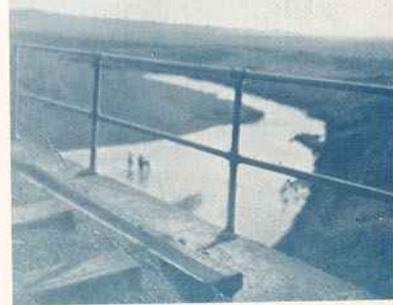
Mas os moiros, já repostos, começaram a oferecer séria resistência. Enquanto as alas avançavam, a moirama carregava massas sobre massas de cavalaria, de modo que os nossos começaram a recuar, já envolvidos, e os árabes degolavam inexoravelmente todos os que lhes caíam nas mãos.

Acendeu-se, de novo, o combate, mas a presença do rei de nada servia. Já ninguém tinha fé nas suas ordens.

O duque de Aveiro, que estivera parado esperando ordens, ao vêr a impericia do rei, por não receber instruções quando as devia ter recebido, resolvera dar uma carga, que lóra de resultados brilhantes, e que de novo fizera recuar a moirama. Mas esta lança se sobre os tudescos, destroçando os completamente e não poupando a es-

colta real, que fizera apenas prodígios para se defender.

Neste instante, ao sentir-se perdido, Ahmet fugiu com os seus esquadrões,



O rio de mau cheiro, ou «morreram afogados» muitos cavaleiros cristãos

pois bem via «que los lusitanos no cedían y esta'n dispuestos a morir».

A disciplina não era, porém, uma qualidade do exército lusitano, e não poucos foram os esforços para reorganizar os nossos esquadrões e colocá-los de novo no seu ponto de combate.

Os veteranos não podiam conter os aventureiros, de maneira que, enquanto uma ala disciplinada combatia valorosamente, as outras, desordenadas, fugiam...

Neste permeio, onde estava el-rei, degolaram-se mais de quatro mil moiros. A fadiga e a sede levavam muitos espanhóis e tudescos à fuga desesperada.

Tudo isto era prova evidente da falta de solidariedade e homogeneidade daquele exército que nem tivera tempo para conhecer-se, fazendo cada um a sua vontade, buscando apenas o meio de fazer brilhar a sua nacionalidade alcançando-lhe a vitória...

E assim se perdeu a batalha de Alcaçer Quibir.

JOSÉ DE ESAGUY.



Tumbas dos nobres em Alcaçer Quibir, descobertas recentemente

PÓVOA DE VARZIM

FIGURAS E FACTOS

A mais bela praia de Portugal e o seu monumental casino

Serão apenas meia dúzia de palavras para falar da Póvoa de Varzim, e do seu grandioso Casino.

Quem vier de automóvel, auto-car ou no Caminho de Ferro (a 25 quilómetros de distância do Pôrto), pode apreciar com vivo prazer a paisagem variadíssima desse famoso percurso que tem aspectos bizarros para o turista. Procure um dia de verão nesta época balnear e verá novos horizontes e o espectáculo surpreendente que se aproxima da Póvoa em que os cronistas chamam a mais bela praia de Por-



Póvoa de Varzim. Hall do Casino

tugal e onde os banhistas e os Poveiros se conhecem e sem estimam mutuamente.

O encanto desta praia, está na familiaridade em que se vive, entre as famílias nortenhas. A vida da Póvoa está ligado o seu Casino, que é administrado na pessoa do seu principal gerente o Sr. Artur Adriano Ayres, e que tem um pesado encargo como toda a gente sabe. Com um temperamento muito especial, muito activo e com uma visão clara e inteligente casa. Diga-se na verdade, o Grande Casino vive na sua alma, pensado nêlo todos os dias e a todas as horas na organização de festas que êle oferece à colónias balnear, e porisso mesmo êle marcou um lugar de destaque na Póvoa de Varzim.

É lícito também falar do seu magnífico salão de baile com 666 metros quadrados, suas amplas e bem decoradas salas de espectáculos e de jôgo, restaurante e bars, pelo seu gosto decorativo, etc.

A Póvoa de Varzim, alcançou dêste modo o título de praia elegante e moderna das raras em Portugal.

Está aberto o Casino; é notícia oficial que posso dar aos leitores da *Ilustração*. É ali o centro da elegância e da alegria.

J. P.



O escritor João Paulo Freire (Mário) concluiu a sua obra *Os Judeus e os Protocolos dos Sabios de Sião* publicando o IV e último volume. Esta obra, digna de figurar em tôdas as estantes, contém preciosa matéria de estudo. O volume fecha com esta afirmação em que transparece a mais cativante abnegação: «É pela caridade e pelo amor que se ganham as almas, e não pela força. Alarguemos no mundo o reino da Caridade e do Amor, e o mundo salvar-se-á sem necessidade de matar os judeus».



Roberto Nobre não é só o artista do lápis e do pincel. Também sabe manejar a pena escrevendo um empolgante livro *Horizontes de Cinema*, em que a Arte dá o braço à Ciência. Ler êste livro é ficar ao facto das doutrinas fundamentais do cinema e passar a simpatizar com êle incondicionalmente em qualquer caso



Ao centro: O novo ministro da Hungria em Lisboa, sr. André Wodians de Maglod, após a entrega das credenciais ao sr. Presidente do Conselho que desempenha as funções de Chefe do Estado. — Em baixo: O campeão de billiar Alfredo Ferraz no seu regresso do campeonato do Mundo em Angoulême e Liège

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Na igreja de S. José de Bolama, Guiné, realizou-se, recentemente, o casamento da sr.^a D. Olívia Fortes Nogueira, gentil filha da sr.^a D. Emília Moura Fortes e do sr. Augusto Nogueira da Silva, com o sr. José Júlio Pereira Garcia de Carvalho, funcionário público naquela colónia, filho da sr.^a D. Lucinda Maria dos Reis Pereira e do sr. Serafim José Garcia de Carvalho.

Fôram padrinhos da noiva a sr.^a D. Olímpia Nogueira da Silva e seu marido o sr. Augusto Nogueira da Silva e do noivo a sr.^a D. Clotilde Pereira Garcia de Carvalho e o sr. capitão Augusto José de Lima Junior.

— Realizou-se na igreja matriz de Niza, celebrado pelo reverendo Sebastião Martins Alves, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Seabra de Mascarenhas Paralta, filha da sr.^a D. Gervásia Lucinda Seabra de Mascarenhas Paralta e do sr. António da Graça Paralta, com o sr. dr. Herculanio Madeira Curvelo, filho da sr.^a D. Rita Madeira Curvelo e do sr. António Rodrigues Curvelo. Fôram padrinhos por parte da noiva, as sr.^{as} D. Maria Paralta de Figueiredo e D. Ricardina Seabra de Mascarenhas Castelo Branco, tias da noiva, e por parte do noivo, o sr. dr. Leonel Curvelo e sua esposa sr.^a D. Beatriz da Graça Pinheiro Curvelo.

Finda a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, servido pela pastelaria Quintas, de Lisboa.

— Na paróquia igreja de São Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Reis Ferreira, interessante filha da sr.^a D. Laura de Azevedo Reis Ribeiro Ferreira e do sr. Carlos Alberto Ribeiro Ferreira, com o sr. António de Albuquerque Labat Sotto Mayor, filho da sr.^a D. Maria Beatriz de Albuquerque Forjaz de Lacerda Sotto Mayor e do sr. dr. Francisco Navarro Marques de Paiva, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

— Na Sé de Castelo Branco, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria da Graça Ribeiro Bernardino, gentil filha da sr.^a D. Alda Ribeiro Pinto Bernardino e do sr. dr. José dos Santos Bernardino, com o sr. dr. Carlos Gouveia Telo Gonçalves, filho da sr.^a D. Maria Rosa Gouveia Telo Gonçalves e do sr. dr. Francisco Telo Gonçalves.

A cerimónia, que foi presidida pelo vigário da Sé, reverendo dr. José Dias, serviram de padrinhos o pai da noiva e o sr. António Biscaia,

e de madrinhas as sr.^{as} D. Catarina Biscaia e D. Alzira Cardoso.

Aos noivos, que fôram passar a lua de mel para o Algarve, fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Presidido pelo irmão do noivo, reverendo José Maria de Oliveira, acolitado pelo reverendo João Ferreira de Castro, celebrou-se, com grande solenidade, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, o casamento da sr.^a D. Maria Rosa Pereira de Freitas, com o sr. Joaquim José de Oliveira.

Serviram de padrinhos a sr.^a D. Rosa Pinho Maia e o sr. Rubino Pinho Maia.

Finda a cerimónia foi servido um magnífico almoço, seguindo os noivos depois para o sul do país, onde vão passar a lua de mel.

— Na capela paroquial de Redondo (Alentejo) realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Izabel da Silva Barrancos Gomes Fernandes com o engenheiro sr. Luiz Henrique Gomes Fernandes.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.^a D. Ana de Jesus da Silva Barrancos e o sr. José de Almeida Barrancos, e por parte do noivo, a sr.^a D. Maria Avelino Gomes Fernandes e o sr. António Alves.

Depois da cerimónia religiosa foi servido um fino lanche, tendo sido oferecidas aos noivos grande número de lindas e valiosas prendas.

— Em Santo Tirso, na igreja de S. Martinho de Bougado, realizou-se o casamento da sr.^a D. Branca Augusta de Oliveira Gomes, gentilíssima filha da sr.^a D. Branca Augusta Gomes de Oliveira e do sr. Alberto Gomes, com o sr. dr. Francisco José do Vale Guimarães, filho da sr.^a D. Maria Emília do Vale Guimarães e do sr. dr. Querubim do Vale Guimarães.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Filomena de Melo Sobreiro Vidal e D. Maria Izabel Homem Simões e de padrinhos os srs. dr. José de Almeida Azevedo e Manuel Domingues Simões Júnior.

Finda a cerimónia religiosa foi servido um fino lanche, vindo depois os noivos para Lisboa, onde fixaram residência.

Aos noivos fôram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Sendo celebrante o rev. cônego José Martins Gonçalves, acolitado pelo capelão do santuário do Bom Jesus de Braga, celebrou-se com grande solenidade o casamento da sr.^a D.^a Maria Ivone Ferreira da Silva, gentil filha da sr.^a D.^a Margarida Maria Esteves e do sr. Ernesto Viriato dos



Casamento da sr.^a D. Olívia Fortes Nogueira com o sr. José Júlio Pereira Garcia de Carvalho, realizado em Bolama

Passos Ferreira da Silva, com o sr. engenheiro José dos Passos Pardal.

Serviram de padrinhos da noiva, seus pais e do noivo, sua mãe, sr.^a D.^a Maria José dos Santos e seu irmão, sr. Manuel dos Santos Pardal.

Levou as alianças a menina Maria de Lourdes Policarpo de Azevedo, foram caudatários os meninos Maria José Nunes dos Santos Pardal e José Nunes dos Santos Pardal e serviram de damas de honor as sr.^{as} D.^a Helena dos Santos Caravana e D. Maria Fernanda Matos.

A cerimónia foi precedida de missa e no final o rev. cônego Martins Gonçalves proferiu uma tocante alocução.

Na corbeilhe dos noivos viam-se imensas e valiosas prendas.

Os noivos partiram para o sul em viagem de mûpcias.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luciana Ferreira Gonçalves, gentil filha da sr.^a D. Luciana de Oliveira Ferreira Gonçalves e do sr. Arnaldo Gonçalves, com o sr. José Martins Barbot, filho da sr.^a D. Adélia Martins Barbot e do sr. Francisco Barbot.

A cerimónia foi presidida pelo reverendo sr. dr. Manuel Pereira da Silva, acolitado pelo reverendo padre Faustino de Sousa, amigo dos noivos que proferiu uma tocante alocução.

Nascimentos

— Nasceu um gentil menino, filho da sr.^a D. Maria Luisa de Sousa Lima de Moraes Sarmiento Campilho, esposa do sr. Dr. Pedro Vicente de Moraes Sarmiento Campilho.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D.^a Maria de Ataláia Norte dos Santos Silva, esposa do sr. Eduardo Silva.

Mãe e filho estão felizmente bem.

— Deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a D.^a Maria Amélia Coelho Campos Teixeira de Sampaio, esposa do sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Na paroquia igreja de S. Mamede realizou-se o baptizado de um gentil filhinho da sr.^a D. Maria do Ceu Saraiva de Carvalho e do nosso colega de «A Voz» sr. Jaime de Carvalho.

O pequenino recebeu o nome de Jaime António, tendo-lhe servido de padrinhos o sr. António Rosa e sua esposa, sr.^a D.^a Francisca Fernandez e Fernandez Rosa.

Depois da cerimónia religiosa foi servido um fino lanche em casa dos pais do recém-nascido.



Casamento da sr.^a D. Maria Amélia Seabra de Mascarenhas Paralta com o sr. Herculanio Madeira Curvelo, realizado em Niza. — (Fot. Alvaro Campeão)



A seleção regional de Lisboa que caminhou sob copiosa chuva de bolas a representação savi-liano, em visita à nossa capital

O futebol português está em férias durante dois meses, a descansar das fadigas e sobressaltos duma época que ficara assinalada por acontecimentos variados e imprevisíveis.

Se considerarmos o aspecto próprio desportivo dos últimos factos que assinalaram a sua actividade, a impressão registada terá que ser francamente agradável; não levemos, porém, para o campo moral e até ao exame dos actos de determinados dirigentes a nossa investigação porque encontraremos talvez razões para desgosto que anule em grande parte a satisfação anterior.

As duas jornadas de encerramento da temporada de 1959 proporcionaram aos amadores do jogo da bola dois resultados surpreendentes: a vitória da Associação Académica de Coimbra na final da Taça de Portugal e a esmagadora derrota de Sevilha pela selecção lisboeta.

O triunfo que os estudantes coimbrões alcançaram sobre o grupo do Benfica, favorito geral da conte da, foi a demonstração prática de quanto pode a força da mocidade, do entusiasmo clubista, da fé e do brio desportivo. Foi o ponto final dum ano pouco lisonjeiro para os clubes da capital que deixaram fugir os primeiros lugares nas duas competições de carácter inter-regional.

Embora tal situação belisque o prestígio do futebol lisboeta, ela deve ser lealmente encarada como um factor benéfico para o progresso e expansão da modalidade, trazendo-lhe novos elementos de interesse indispensáveis para estimular a aflicção do público dos campos, nestes últimos tempos em assentando descréscimo com grave prejuízo para a vida económica dos clubes praticantes.

Ao cabo de dez meses consecutivos de jogos semanais, a assistência habitual destes espectáculos, por maior que seja o seu fervor, está cansada de presenciar sempre as mesmas lutas, sempre os mesmos antagonistas em pugnas cujo resulto do antecipadamente se prevê. Depois de, durante o prazo duma época, haver assistido seis vezes ao embate do Belenenses com o Sporting, por exemplo, quem poderá ainda sentir atracção

pelo sétimo encontro dos mesmos grupos?

Por este motivo deve considerar-se bem-vindo o aparecimento de novos valores na vanguarda da falange clubista; a vantagem de tal acontecimento recai sobre os próprios rivais que dantes lhe barravam o caminho da glória e da consequente popularidade.

O copioso desaire sofrido pela equipa andalusa no campo das Salésias, e que muitos apreciadores consideraram a desforra necessária ao desastre que os nossos seleccionados experimentaram em Sevilha, veio quanto a nós pôr em flagrante evidência — como se tal fosse ainda preciso — a impossibilidade normal do primeiro resultado contrário aos portugueses e, por dedução, a influência perniciosa que nele exerceram a incompetência e desleixo dos dirigentes responsáveis, a ausência de consciência profissional e brio patriótico dos jogadores.

A tal respeito não ficaram dúvidas no espírito dum único dos espectadores da partida nas Salésias.

★

Com os campeonatos nacionais de juniores, celebrados no Porto no primeiro domingo do mês corrente, terminou a



O grupo de futebol de Sevilha que, vencedor de Lisboa na sua cidade, sofreu entre nós pesada e inesperada derrota

A QUINZENA DESPORTIVA

fase inicial da temporada de atletismo em pista, aquela que é reservada aos novos elementos e portanto se reveste de particular importância para análise das possibilidades futuras da modalidade.

O atletismo, é inegável, após um período de estagnação de valores acusa o despertar de novas seivas que nos faz prever em futuro próximo um período favorável de progresso e crescente de entusiasmo.

Infelizmente, repetidas vezes o temos escrito, toda a gente o sabe mas ninguém o pode remediar, a sua propaganda ressentida da inferioridade de processos de quem possui a única arma eficaz, que é a secção atlética do jornal da especialidade, onde o seu irritante facciosismo destoa dos hábitos de escrupulosa imparcialidade e isenção do periódico referido.

Apesar da visão tendenciosa e unilateral deste crítico, os valores surgidos esta época não pertencem todos à mesma equipa, antes se apresentaram espalhados pelos diversos clubes praticantes; a destacar no lote, Elio Felgas e Nazaré, do Benfica; Abrunhosa, do Belenenses; Ferreira dos Santos, do Internacional; Avelino Escaravana, do Casa Pia; Otávio Barrosa, Mariano Soares, Luis José e Tomás de Macedo, do Sporting, citando apenas neste enumerado aqueles que podem considerar-se revelações do ano.

O balanço geral dos resultados alcançados pelas agremiações praticantes do atletismo, no conjunto dos torneios de estreates, principiantes e juniores, é nitidamente favorável ao Sporting Club de Portugal que se adjudicou já 25 títulos de campeão, ao passo que o Benfica, seu mais próximo adversário apenas conseguiu onze; os «leões» e os «águias» melhoraram uns e outros dois máximos nacionais da categoria, tendo ainda outros dois sido igualados por corredores do Belenenses e do Sporting.

O confronto entre as marcas da época corrente e da época de 1958 é também elucidativo: em estreates há superioridade este ano em 4 provas, igualdade em 2 e desvantagem em 2; nos principiantes, melhoria em 7, equilíbrio em 2 e baixa de valor apenas numa; em juniores, finalmente, registamos 6 resultados superiores, 5 iguais e 3 inferiores. O progresso é sem contestação apreciável.

Dos novos atletas cujos nomes atraz citamos, aqueles que nos merecem maior confiança para o futuro são Tomaz de Macedo, Otávio Barrosa e Elio Felgas.

O primeiro, possante e brioso, tem recursos para conquistar antes do fim da temporada o «record» absoluto do lançamento do dardo; o segundo é um corredor de velocidade prolongada naturalmente dotado cujos recursos ainda não foram postos à prova, e o terceiro, com a aparência enganadora de fragilidade física, possui capacidade torácica excepcional e será em breve um dos nossos melhores especialistas de meio fundo curto, perigoso para qualquer pela fulminante ponta final de que dispõe.

Os restantes citados, aos quais podem acrescentar-se João Guimarães Marques, Anibal Paciência, João Jacinto Silva, Júlio Matos Moura, José Esteves, João Barata, Francisco Avelar, constituem a hoste esperançosa a quem pertence afirmar em breve a vitalidade e o progresso do atletismo lisboeta.

★

A equipa do Instituto Superior Técnico, precursora da prática oficial da

modalidade, saiu vencedora da primeira competição organizada pela Associação de Volley-ball de Lisboa e intitulada Torneio de Abertura, mas correspondendo de facto a um campeonato regional da época, que a falta de tempo não permitiu disputar nos moldes regulamentares.

O êxito desta prova, que foi ainda organizada em categorias reserva e segunda, de ambas as quais resultou triunfador o Sporting Clube de Portugal, foi notável, tanto sob o ponto de vista desportivo como da regularidade e entusiasmo de concorrência.

O facto de catotze colectividades haverem participado dos torneios, com o total de 57 categorias, demonstra sem mais comentários o interesse despertado no meio pelo jogo do «volley», que só há um ano, e em consequência da campanha de propaganda movida por «Os Sports», começou a ser conhecido e praticado nas agremiações consagradas ao desporto.

Devemos considerar com satisfação o desenvolvimento e popularidade deste jogo, que é tido com fundamentada razão por um excelente exercício físico, adaptável a todas as categorias de indivíduos.

E' neste sentido que deve insistir particularmente o esforço dos orientadores do «volley», procurando criar-lhe ade-



As duas preciosíssimas vencedoras do concurso gimnástico do Sporting, na categoria de meninas, na execução do exercício de equilíbrio elevado

ptos nas secções femininas dos clubes de desporto.

A orientação seguida até hoje em Portugal para encaminhar a actividade das raparigas no desporto, acusa todos os erros resultantes da irregular divulgação dos diversos jogos susceptíveis de serem aproveitados e da influência do espírito de competição, acirrado pelo objectivo espectacular dos promotores que consideram essas manifestações um atractivo para o público e um incentivo ao desencadear da paixão clubista dos seus associados.

E' curioso sintoma da inconsistência de critério do meio o facto de serem discutidos os métodos de ginástica feminina, a pretexto de mais ou menos lesivos da graça e da fragilidade da mulher, mas acerte sem reparo a propaganda de modalidades desportivas de choque onde se notam a evidência e agravados os tais inconvenientes que noutras condições mereceram reparo.

Só uma completa ausência de critério pedagógico explica que o «volley-ball», o «ring-tennis», etc., não sejam cultivados pelas nossas desportistas, ao passo que numerosas equipas tomam parte em competições de «basket» e, pior ainda, em jogos de «hockey» em patins onde as praticantes se sujeitam ao perigo de acidentes ou lesões deformadoras, sem remédio, da beleza que tanto prezam.

Quanto preferível não seria que os dirigentes das colectividades onde existem secções femininas em actividade procurassem desviar a simpatia das desportistas praticantes dos jogos que a pedagogia e o bom senso condenam exercendo no espírito dessas raparigas insistentemente influência de propaganda a favor das modalidades aconselháveis, que acima referimos.

São males que só uma acção de conjunto conseguiria remediar, e no nosso País não há organismo que a possa exercer.

SALAZAR CARREIRA.



O «volley-ball», jogo que é considerado um dos melhores exercícios físicos, tem afirmado últimamente notável expansão, do que foi prova o entusiasmo suscitado pelos recentes torneios oficiais

DICIONARIOS ADOPTADOS

De: C. Figueiredo (grande e pequeno); S. Bastos; J. Seguíer; H. Brunswick (Ilust.); Povo; F. Almeida & H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette; Moreno; Torrinha; Mitologia de J. S. Bandeira; Rifoneiros de: P. Chaves, Delicado e R. Hespanha; Lusíadas e Nomes individuais de M. Silos.

RESULTADOS DO N.º 33

DECIFRADORES
(Totalidade de pontos — 14)

QUADRO DE HONRA

Castela, Dado, Marcolim, Nuninho e Siulno,

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, Dr. Sicascar, Agasio e Sevla — 13.
Dama Negra, Diriso, Tarata, Francisco J. Courelas e Mirna — 11 Visconde X Cigano Anjo das Serras e Sol de Inverno — 9 J. Tavares, Aristofanes, Aureolinda, Neptuno, Fra-Diávoles, Calaveras e D. O. X. — 8. Um Misterioso — 12. Ramou Lágrimas — 11

DECIFRAÇÕES

1 — Alcançar. 2 — Profundo. 3 — Carçoço.
4 — Cutí ras. 5 — Augustiado. 6 — Malfeita.
7 — Pradoso. 8 — Almofada. 9 — Manifestamente. 10 — Moquamo. 11 — Pro(nu)bo. 12 — Fe(i)ra.
13 — Querido. 14 — O tempo mostra o amigo.

PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRADORES

Castela, Dado, Francisco J. Courelas, Marcolim, Nuninho, Sevla, Siulno, Ti-Beado e Um misterioso

SORTEIO DE PRÉMIOS DE PALAVRAS CRUZADAS

O sorteio de prémios das palavras cruzadas, em rectificação do que dissémos no «Desporto n.º 40», passa, de futuro, a ser regulado pela lotaria do sábado seguinte, à data da saída da revista, inclusivé.

O processo para se obter o premiado consiste em dividir-se o número máximo da respectiva lotaria pelo número de concorrentes e, consoante a sua ordem, calcular em qual deles recai o número da taluda.

O prémio do problema n.º 2 coube ao nosso confrade F. J. Courelas, a quem temos a honra de felicitar.

TRABALHOS EM VERSO

ADITIVAS (Antigas)

Num caso de gota-serena (a cegueira lenta e fatal)

Ao meu presado e velho amigo A. D.

- Desditoso o que não vê
O que é ergo de nascença — 2
A quem Deus não fez mercê
Da vista. Mas que diferença,

DECIFRAÇÃO DO N.º 3



SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 42

Que incomportável tortura
A do triste que gosou — 2
O esplendor da Mãe Natura
E a pouco e pouco cegou

Deixando os seus na miséria
Sem um braço valedor!
Descrê da piedade creta,
Da vossa, oh Deus Creador!

Qual o pecado, Senhor,
Dêste humilde pecador
Contra vós, Supremo Ser,
Que vos merece o rigor
Do castigo: o anoiecer
E a Noite infinda: o pavor?!

Lisboa Sileno

2) Das mentiras, a primeira, — 2
Se, de facto, não me engano,
É a única verdadeira — 2
Que se diz durante o ano.

Luanda Um Misterioso

3) «Sicascar», caro confrade
Aqui me tem a seu lado
Pronto ao seu desafio
Eu não posso na verdade
Dizer-me atarefado
Tais desculpas repudio. — 2

O tempo para tudo chega,
Embora se diga que não,
Ser zeloso é o principal; — 3
Quem diz o contrário nega
Repito a afirmação
Ser zeloso é essencial.

Luanda Fernando Costa

CHARADA SINCOPADA

4) Olha a Maria da Graça,
De modo sempre risinho!
Tudo é graça onde passa,
Onde passa tudo é sonho!

Não há cachopa mais bela
Com certeza em tóda a Terra.
Tem encanto o olhar dela
E na voz encanto encerra!

Quando a Maria da Graça
Sua graça não expande
Nem seu cantar esvoaça
No povo a tristeza é grande!

Mas se adrega o Sol nascer
Mais ridente e jovial,
Tóda a gente vai benzer 3-2
Essa Graça sem igual!

Lisboa Rei-Fera (Póstumo)

ENIGMA

5) Minha aldeia perdida lá na serra,
Amontoado de casinhas brancas,
Quanta beleza o teu conjunto encerra,
Visto de longe, pelas tardes francas.

Tudo em ti é um sonho, é poesia,
Dêste as ruas pequenas e direitas
Às ruas que, em havendo romarias,
Tu com arte e engenho tanto enfeitas.

É a praça principal onde a Igreja
Recebe os filhos teus, almas de crentes;
Os trigais e pomares, causa da inveja,
E as hortas e vinhedos atraentes.

Há em ti mais beleza, côr e gósto
Que em muitos improvisos de pintores,
É em tardes de verão, já ao sol-pósto,
Há em ti mil tesouros de esplendores!

Para acabar, a musa não me anima,
Como fecho dos versos que te fiz,
Direi que o teu conjunto é obra-prima,
Que o teu povo, é o povo mais feliz!

Lisboa Lérias (P. L.)

TRABALHOS EM PROSA SINCOPADAS

(Ao muito ilustre «mirones» agradecendo a sua dedicatória do Desporto n.º 30)

6) Só me enfado com quem tem demasiada severidade impressa na cara. 3-2.

Algés Marcolim

(Ao confrade «dr. Sicascar»)

7) O Diabo encaminha as almas para o abismo. 3-2.

Lisboa Mirones (L. A. C.)

8) Sabe inventar, mas não sabe dizer. 3-2.

Luanda Fernando Costa

9) Para descontar uma verba o contabilista teve que substituir os algarismos. 3-2.

Lisboa D. Rupertus (G. C. A.)

10) Ao vê-la, pela primeira vêz, no pavilhão dentro do jardim, senti o meu coração palpitar de felicidade! 3-2.

Lisboa Amado das Damas

11) Torna-se importuno ver sempre o mesmo movimento. 3-2.

Lisboa Néné (G. C. A.)

(Cumprimentando «Ordisi»)

12) Apesar de desamparado é sempre forte. 3-2.

Luanda Um misterioso

13) O valor só se consegue com persistência no trabalho. 3-2

Lisboa Castela (T. E.)

14) Quem fuma cigarro ordinária, é um homem reles. 3-2.

Luanda Ti-Beado

15) Dentro da choupana está uma «planta». 3-2

Luanda Dr. «Sicascar» (T. E. e L. A. C.)

(Ao Zé da Eira)

16) Quem tocava muito bem o instrumento musical era um camponês. 3-2.

Luanda Um Misterioso

(Ao confrade «Ordisi»)

17) Coragem, Senhor! Anime os charadistas de Angola. 3-2.

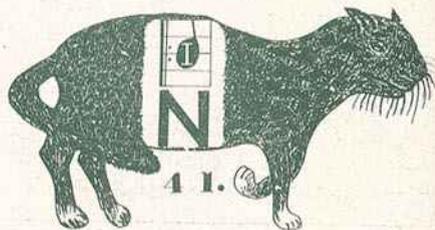
Luanda Tony

Tóda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

18) GEROGLIFO COMPLEXO

(Pitoresco)

+ A -
100

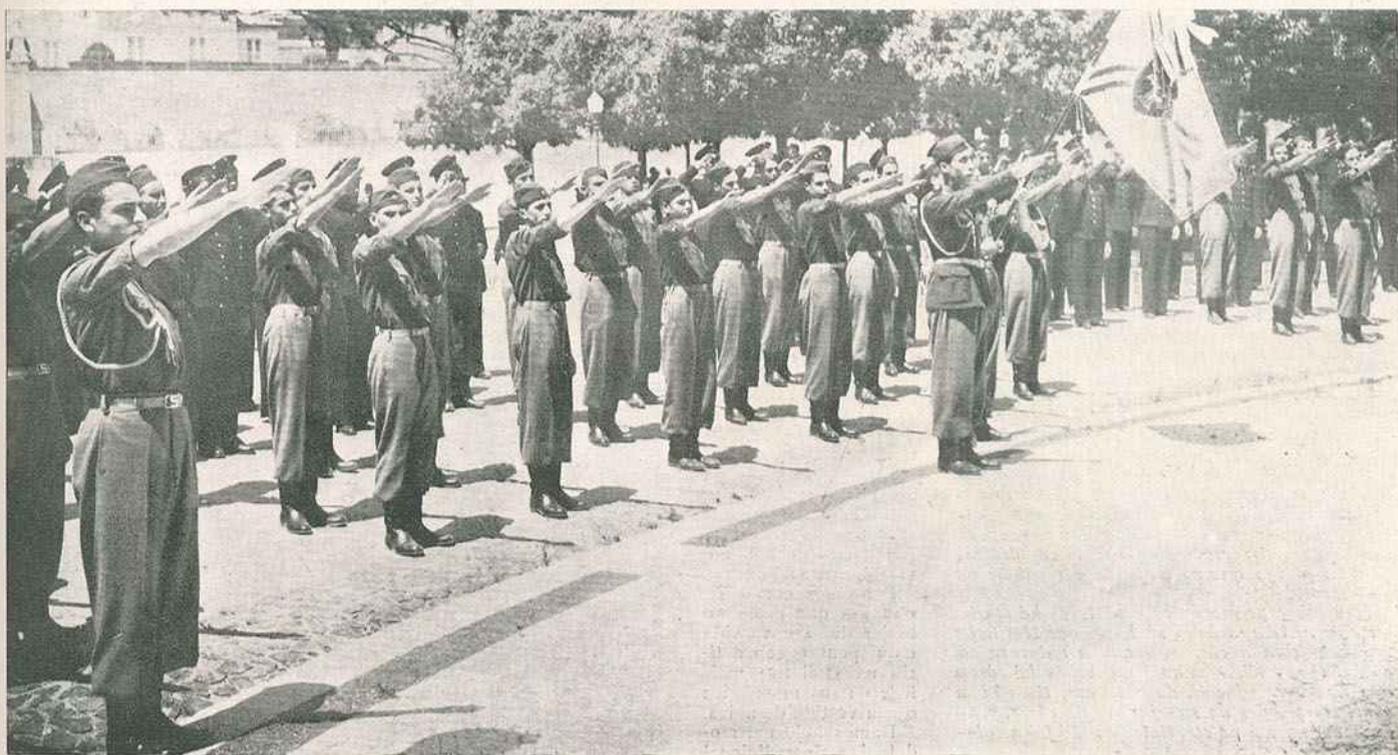


Lisboa

Jónio

Notas da Quinzena

Um aspecto do pavoroso incêndio em Moscavide que destruiu uma estância de madeiras, uma loja de ferragens, uma sapataria, um talho e uma barbearia, causando prejuízos de avaliados em cerca de mil contos. — *Ao centro:* Festa na Casa Pia por motivo do seu 159.º aniversário. — *A' direita:* Outro aspecto do incendio de Moscavide. — *Em baixo:* Os alunos da Casa Pia em continência por ocasião da festa ali efectuada por motivo do 159.º aniversário daquêl modelar e benemérito estabelecimento de ensino.





Loiras são aos cardumes, dum falso loiro, tão falso como feio, que fere a vista e do loiro cor de palha ao ruído e do castanho ao negro cor de graxa dos sapatos, há todas as cores.

Uma porque não gostam da cor do cabelo com que nasceram, outras porque esse cabelo começa a estrear-se de prateados fios, todas desatragando cabelo e pele, com os mais variados matizes, e nem sempre o tom que escolhem é o que se harmonisa com o tom da pele e não pouco contribuem esses cabelos pintados para a fealdade de certas senhoras.

As permanentes que quando bem feitas em largas ondas e com o intervalo de pelo menos um ano, dá a alguns cabelos uma natural e bonito aspecto.

Quando se fazem mal; feitas umas sobre outras, acabam por fazer dos lindos cabelos das europeias, uma emaranhada carapinha, que nos dá a impressão de que não há gente que não tenha sangue negro.

Carapinhas flamantes das mais variadas cores coram o edifício de fealdade, que algumas senhoras fazem da sua cara; que nazerem para ser bela e que a vaidade excessiva, reduziu à mais caricata das exhibições.

Foi certamente um esteta que promulgou a lei no Sião, um verdadeiro amante da arte e da beleza que ao ver as mulheres da sua terra desfiguradas não se conteve e lançou da mão à pena, num acto, atentatório da liberdade individual, mas visando a arte e a beleza natural.

Como voltaríamos a ver caras bonitas, se houvesse na Europa homens de Estado que tivessem a coragem de libertar a liberdade feminina, servindo assim e contra a vantagem geral, a beleza que as mulheres inconscientemente destroem.

MARIA DE EÇA.

A MODA

UMA das características da moda deste ano, e a modificação na roupa de baixo. As senhoras voltam a usar saias rodadas em cambrá, guarnecidas a rendas e a bordados, corpetes com rendas e fitas, e dentro em pouco a «lingerie» feminina de 1939, confundir-se-á com aquela de 1899.

A moda cansada de convencer pelo extremo do sem roupa, extremo que levou as senhoras a nem sequer usar camisa, vai levar-nos à roupa rodada e um pouco exagerada.

E sempre assim na história da moda, depois do primeiro império em que, as senhoras andavam quasi nuas, os corpos mal cobertos por tunicas de muselina, os braços e o colo não veio o segundo império e as modas atingiram o exagero da roda nas saias, com o amplo ba-lão.

Saias havia que tinham doze metros de roda! E para temer que agora aconteça assim e que, depois das saias com um metro e quarenta de roda, que apenas permitem um passo, não venham vestidos exageradamente rodados que se tornem incômodos, e, mais é que as creadoras da moda o pensam, porque todas as usaremos, mesmo as que mais guerra lhe fazem agora.

Hoje trataremos dum assunto que interessa sobretudo às noivas. A «toilette» desse dia, a das damas de honor e vestidos para o enxoval. Pensemos com carinho nas que estão no limiar duma nova vida e que pensam com delírio na «toilette» mais bela da sua mocidade: o seu vestido de noiva.

Damos hoje um modelo da mais tradicional



PÁGINA FEMININAS

«toilette» de noiva. Vestido em agém branco. O corpo muito simples, têm a manga comprida, o que é sempre mais bonito num vestido de noiva; o decote muito pequeno é em quadrado, a sala muito rodada e metida na cintura em frangidos e têm uma longa cauda.

O véu, é em tule liso muito simples e seguro por uma coroa de flores de laranjeira, um ramo das mesmas flores armado à moda antiga, completa o aspecto clássico deste traje de noiva.

As damas de honor vestem de «moirée» cor de canário. Saias lisas «à godets» tendo na borda do lado de dentro, um folho pregueado. Decote em quadrado, as mangas curtas muito elegantemente armadas, tufam e são pregadas com um folho. Chapéus castanhos com faixas em veludo.

Na mão ramos de malmequeres amarelos e brancos.

É um lindo conjunto o desta noiva e das suas damas de honor, que formará um lindo quadro.

Para «toilette», de passeio saia pregueada em fazenda de fil azul-escuro, as frangas cosidas até certa altura. Blusa em seda de fantasia azul-escuro e branca; sobre a blusa, um pequeno bolero sem mangas, da mesma fazenda da saia.

Chapéu azul-escuro com a borda em branco, guarnecido a flores brancas e um pequeno véu. Luvas e sapatos azuis-escuros, completam este conjunto, muito simples e muito elegante.

Para a noite uma moderna e elegantíssima «toilette» em «moirée» e «georgette» cor de rosa. Feito às tiras estreitas no corpo, e alargando para baixo; as tiras de «moirée» nunca são muito largas e as de «georgette» cortadas «à godets» atingem uma enorme roda. As próprias tiras de «moirée» fazem as alças do corpete que à frente é guarnecido por um lindo ramo de azuleiras cor de rosa. É um lindo conjunto a que o elegante penteado dá relevo.

Porque o penteado tem sempre uma grande importância nas «toilettes», aqui temos um lindo modelo, para noivas e também para a noite. É indicado para os cabelos loiros e «flous».

Levantado o cabelo na nuca, vem acabar, o

penteado nuns elegantes róis que caíndo sobre a testa formam uma espécie de pópa.

As senhoras a quem favorece o penteado que liberta a nuca, está indicado o uso deste modelo que é dum grande distincão e não é complicado do momento que o cabelo esteja bem preparado para o fazer.

LINGUAGEM DAS FLORES

ASTIGAMENTE, no tempo do romantismo, todos compreendiam a linguagem das flores, agora numa época utilitária, poquíssimos são os que querem ou sabem compreender o que as flores nos dizem.

Na França, pátria da rosa, como a Espanha é do cravo, uma rosa vermelha é simbolo do amor e quer dizer paixão avassaladora.

O lírio dos vales essa delicada flor diz: Receberis honras e dignidades.

A campainha: Teria uma grande alegria. O rainuculo: Prosperidade na família.

Cravo: Disfrutará os dons supremos: Amizade, amor e fortuna.

Dália: Sorte de dinheiro. Margarida: Satisfações íntimas. Miosótis: Risonhos amores.

Malva: Novo pretendente. Lílias: Matrimónio e felicidade. Orquídea: Aumento de bens.

Amar periferito: Divertimentos e alegrias. Páppalos: Esqueçerá o que te preocupa. E assim quem conhecer cada linguagem poderá num ramo de flores formular os melhores votos a quem o enviar.

HOSPITAIS PARA BICHOS

OS animais são cada vez mais apreciados pelos homens e rara é a casa onde não há um gato, um cão, um canário ou qualquer outro animalzinho que faz a delícia dos donos. Os cães estão invadindo o afecto dos portugueses, antigamente não se viam tantos cãeszinhos de luxo, mimosamente passados pelos seus donos ou por creadoras, como agora encontramos a cada passo.

É natural esta atracção pelos animais nos homens, que se gostam uns dos outros. Entre nós já há postos, onde hábeis veterinários tratam os doentes que se não sabem queixar, embora muitos tenham uma resignação no sofrimento que é uma lição para o homem.



O que ainda não temos são os hospitais para bichos, hospitais onde ficam internados aquêles que precisam tratamento aturado que não podem ser em casa.

Há carinhosas enfermeiras que lhes tiram a temperatura, ministram os medicamentos e até lhes dão clistères quando os necessitam e o que é muito engraçado é animais que habitualmente recebem desconhecidos com pesarosos grunhidos, se submetem mansamente a todos os tratamentos, como que numa compreensão, de que é para seu bem.

Os gatos são mais difíceis de tratar e menos compreensivos do que lhes faz bem. Além dos hospitais célebres, como os de Londres, Paris e Madrid, há também clínicas particulares, com as suas salas de espera onde as dedicadas donas, conversam e trocam impressões sobre os males dos seus bichanos, como fazem as cuidadoras mããs, que levam os seus filhinhos a um consultório.

O que é interessantíssimo é observar a tristeza dos animazininhos, quando vêm afastar-se os seus donos e deixa-os num hospital, choram verdadeiras lágrimas e temem ser abandonados.

Porque os animais sentem e muito profundamente o maior afecto por aquêles que os acarinham e em questões de gratidão, eles podem dar aos homens lições bem proveitosas para quem as souber observar e compreender.

HIGIENE E BELEZA

OS olhos janelas da alma são uma das grandes belezas da mulher e uma das mais preciosas coisas que possuamos, porque a vista dá-nos a faculdade de fazer todas as belezas, e, fazer todos os trabalhos.

As senhoras actualmente parecem ter esquecido que com os olhos é preciso o máximo cuidado, e, aplicam-lhes toda a casta de engredientes para tornar as pestanas compridas negras e luzentes e as sobrancelhas fazem verdadeiras barbaridades, rapando-as e desenhando sobrancelhas inverosímeis, que são completamente ridiculas.

Talvez em resultado desse tratamento para embelezar queixam-se algumas senhoras de ter umas escamas espécie de caspa nas palpebras e pestanas.

Para remediar esse mal aqui vai uma receita: Vaselina 40 gramas, óleo de ricino 20 gramas, ácido gálico 2 gramas, Essência de violeta 3 gramas.

Para as sobrancelhas o melhor é deixá-las ser como são, alinhá-as se são deficientes e depois da «maquillage» passar-lhe uma escova fininha com vaselina esterilizada para as tornar brilhantes e assim terão os mais lindos olhos.

RECEITAS DE COZINHA

Linguado assado:— Escolhe-se um linguado grande e grosso e depois de preparado, golpeia-se do lado mais escuro ao vize, três a quatro golpes, e, enchem-se estes de manteiga. Corta-se uma cebola em rodas muito finas que se dispõem no fundo duma travessa de ir ao forno.

Coloca-se então o linguado rega-se com manteiga derretida e azeite fino, deita-se um pouco de sal refinado e pimenta, e cobre-se de queijo e pão ralados. O forno deve estar brando. Serve-se na mesma travessa.

Vituras «express»:— Corta-se pão de leite, qualquer outro género de pão doce, ou mesmo resto dum bolo que já não está apresentável, em fatias, deita-se-lhes só dum lado doce de fruta espessa e unem-se duas em género «sandwich».

Mergulham-se em massa de fritar que se prepara do seguinte modo: 3 colheres de farinha dissolvida em leite frio, uma gema de ovo, uma colher das de sopa, de aguardente, outra das de chá, de azeite e uma clara batida em castelo. Misturar tudo muito bem. Fritam-se as fatias em bastante azeite a ferver depois de passadas no polme e servem-se quente polvilhadas de açúcar.

Bacalhau à beralta:— Escolhe-se um bom fombo de bacalhau; depois de demolhado, lavas-se bem, escuma-se e enxuga-se numa grelha sobre o lume.

Em seguida e enquanto quente rega-se com um ou dois cálices de vinho do Porto, (estando já numa assadeira de barro) cobre-se de azeite, deita-se-lhe pimenta e sal, colarua doce, uma pitada de cominhos, cravo da Índia, cebola às ro-



das, salsa picada para temperar. Vai ao forno para assar, e serve-se com salada e azeitonas.

Ovos tostados com presunto:— Uma travessa de ir ao forno, deita-se um bocado de manteiga e levava-se ao lume a derreter. Uma vez derretida, deitam-se-lhe tiras de presunto previamente preparadas (demolhadas e enxutas) e deixam-se passar na manteiga.

Por cima das fatias deitam-se os ovos para estrear.

Quando as claras começam a prender tosta-se com um ferro em brasa em diversos pontos. Uma vez estreladas servem-se no mesmo prato rodeadas de agridões.

DE MULHER PARA MULHER

Inquieta:— É muito para louvar, mas não faz mais que o seu dever, as filhas têm obrigação de se sacrificar pelos pais, estas já se sacrificaram por elas e não lhe ficaria bem abandonar êsses velhinhos para se divertir. Já é uma grande felicidade conservá-los e estarem tão bem. Como essa felicidade tranquilize-se e pense que todas as coisas boas têm o seu lado mau.

Provinciana:— A duração dos lutos tem uma regra: O luto de marido é de um ano de véu para lraz e seis meses esse véu é acompanhado dum véu flutuante em tule fininho com uma barrinha de «georgette», que cai na cara. Os grandes véus para a cara já se não usam.

Há senhoras que no fim do ano ainda usam um véu estreitinho caíndo atrás, outras tiram os véus no fim do ano, é uma questão de gosto; mão deixa por isto existir sentimento que muitas vezes nada tem com o vestuário.

Gentil:— Que engraçado pseudónimo o seu! (Desejo-lhe que o seja sempre porque nada há de mais agradável. Faça um «tailleur» em avul-pastel com algumas listras brancas azuis ou mesmo rosa, já tem o efeito que deseja, com o mesmo vestido variar de «toilette».

Aldeia: Não acho inconveniente algum nessa diferença de idade, que me indica. Não é demasiada conheço casadas felicíssimas com essa diferença. É sempre preferível que o marido seja mais velho, embora o contrário também às vezes dê bom resultado. Nisto como em tudo é questão de sorte. Faça o chapéu em veludo, é mais «chic».

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — D. 10
Copas — 6, 4, 2
Ouros — V. 3
Paus — — — —

Espadas — R. V. 9 **N** Espadas — — — —
Copas — 8, 5 **O E** Copas — R. 10
Ouros — 9 **S** Ouros — 7
Paus — R. Paus — A. 10, 8, 6

Espadas — A. 5
Copas — A. V.
Ouros — — — —
Paus — D. 9, 4

Trunfo é ouros. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução)

S joga D p., **O** — R p., **N** — A p., **E** — 4 p.
N > R c., **S** — 5 p.
N > V c., se **E** — V o., **S** — 9 p.
N > 3 p., **S** — 6 c. e joga 6 o. e faz os dois trunfos.

Se quando **N** joga V c., **E** — 10 p., o jogo é o mesmo, e se **E** corta, **S** recorta, joga os dois trunfos e 6 o.

Se quando **S** joga D p., **O** — 8 p., **S** — 5 p., **N** — A p. e R c., baldando-ae **S** a 9 p. O jogo é ainda o mesmo.

Em certos povos da Oceânia sobretudo na Austrália, o genro e a sogra não devem olhar um para o outro, nem falar, nem aproximar-se.

As relações só se estreitam um pouco quando a esposa dá à luz.



— Então, filha, não chores! Olha as lágrimas a caírem por cima do teu vestido novo!

Uma baleia que se afogou

Há pouco tempo, uma baleia imprudente teve o arrojo de subir o pequeno rio Trent, em Inglaterra. Viram-na estar à aquecer-se ao sol, meia submergida unicamente, sobre um banco de areia. Alguém disparou sobre ela e a baleia desapareceu rapidamente.

Mas voltou no dia seguinte; um pescador dentro dum barquito, lançou-lhe um arpão e lutou durante uma hora com o animal.

Vencedor, amarrou pela cauda a sua presa, meia espancada, e rebocou-a até à aldeia onde habitava. Ao chegar ali, descobriu que a baleia, cuja cabeça viera constantemente debaixo d'água, tinha morrido afogada.

Media quatro metros de comprida e pesava duas toneladas.

Superstição oriental

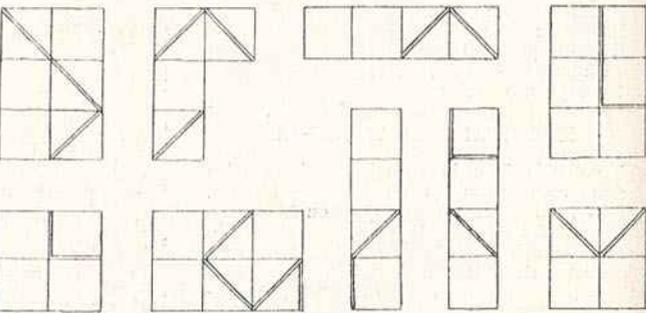
Morreu, há anos, na Persia um indivíduo que, durante toda a sua vida — oitenta e oito anos — vivera fora de casa nouseu jardim. Verão e inverno, ali comia, dormia, fazia as suas abluções, a sua correspondência, etc. Quando lhe perguntavam a razão porque nunca entrava em casa, que era bastante confortável e recheada de bons móveis, respondia:

— A minha casa dá má sorte. Todos os meus antepassados, de há umas poucas de gerações para cá, ali morreram novos. Tenho a certeza que se lá entrasse, não tardava a morrer.

Ora, uma vez, por fim, viu-se obrigado a lá entrar para receber um alto personagem cuja visita não podia, sem grande incorrecção, ser recebido no jardim. A conversa durou um quarto de hora.

Terminada esta, disse para o seu secretário:

— Agora, já falta pouco para eu morrer.



Reünam estas nove peças, de maneira que formem um rectângulo de quarenta e duas casas (seis num dos lados e sete no outro) de forma que as linhas duplas, que aqui se vêem traçadas, determinem, no conjunto, seis figuras inteiramente fechadas, diferentes, mas tendo todas a mesma superfície.

As superfícies medem-se pelas casas e meias casas da figura.

Que número é?

(Solução)

É o número 60.

Os soldados de chumbo

Problema

O Pedrito, o Chico e o Antoninho estavam brincando com os seus soldados de chumbo (possuem 50 cada um) quando, de repente, o Pedrito e o Chico tiveram de ir ter com a mãe, que os chamou, e deixaram o Antoninho a brincar sozinho com os 150 soldados todos.

O Antoninho, que prefere o jogos socegados aos combates, aproveita a oportunidade para procurar combinações de números.

Trata, assim, de dispor os seus 150 soldaditos num quadrado; formando 25 grupos (5 por 5); e consegue conta 130 soldados em qualquer sentido do quadrado, mesmo nas duas diagonais.

Como dispoz o Antoninho os seus 25 grupos e quantos soldados há em cada grupo?

Folklore

Folklore é nome escandinavo que quer dizer ciência do povo. E por extensão, Folklore significa: estudo das tradições populares e mais particularmente das antigas populares de cada região.

(De «London Opinion».)

GEREZ

Região montanhosa de cura e turismo

♦♦♦♦

A Estância maravilhosa para o tratamento das doenças do fígado

♦♦♦♦

ÉPOCA TERMAL:

15 DE MAIO A 15 DE OUTUBRO

♦♦♦♦

Sede: **Travessa da Praça da Liberdade, 26-2.º**

PORTO — Telefone 450

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A saúde a preço de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

por **J. P. Müller**

O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde.

EFICAZ E BENEMÉRITO

1 vol. no formato de 15×23 de 126 pags., com 119 gravuras explicativas

Brochado 8\$00; Encadernado 13\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ELICK MORN

Se queres viver, desperta e luta!

A ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

Os homens podem ser felizes. — A Educação das energias humanas. — Vários meios de obter o seu próprio renascimento. — A conquista da alegria. — A arte de ser bom. — Como se adquire energia. — Da saúde da alma à saúde do corpo. — O nosso destino está em nós mesmos. — A felicidade

1 vol. de 268 pags., broc..... 6\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA-LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor, após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptoria de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Divida de honra
- Casa de familia
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciencia
- Romance de uma herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor
- Uma mulher ideal
- Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. brochado . . . Esc. 4\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.ª edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 15\$00
- ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELBUÇO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.ª edição), br. 3\$00
- CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOAO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

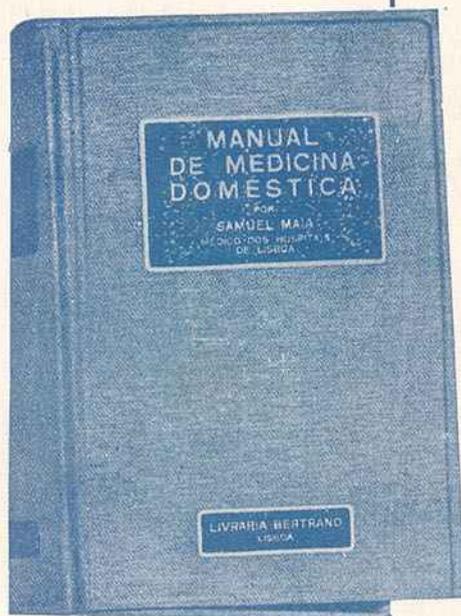
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA
POR
CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinquenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos**

A **LIVRARIA BERTRAND**, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9\$00 cada tómo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 3.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA